



Fórum de
Educação
Ambiental



na Alameda Atlântica
Rua Pedro de Albuquerque
Monte Castelo - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ

Revista da TEIA

CENTRO
ECOLÓGICO
Liliane Nogueira
Associação e Fundação de Apoio à Educação Ambiental



REVISTA DA TEIA

DE EDUCAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA

Volume II

REALIZAÇÃO:

Centro Ecológico

TEXTOS:

Adriana Roberta Ceron Bellé
Adriane Lipert Bittencourt
Aline Brambila Nascimento Schwanck
Aline Borba Gonçalves Lumertz
Andressa Schutz Carlos
Ângela M. Fernandes
Chaiane Alves da Silva
Cheila Aguiar Magnus
Carem da Silva Mengue
Cláudia Rosane da Silva Costa
Cristina Schutz Evaldt Machado
Dinara Borges Carlos
Elaine Fernandes Scheffer
Elaine Magnus Schwanck
Elizandra Alves Evaldt
Gedalva Jocemar Alves
Giseli Aguiar Cardoso
Gislaine Cardoso Aguiar
Inês Borges
Janine Euzébio Lumertz Hahn
Josiane da Silva Ramos Lima
Jucélia Hendler Behenck Azevedo



Julcileia Raupp Hendler Delfino
Julci Cardoso Machado
Joscimara Scheffer Schwanck
Loreci Carlos Valim
Luana Machado Medeiros
Lúcia Martins
Lucinéia Boff Pinto
Maria Scheffer Barros Ramos
Morgana Lopes de Matos Cardoso
Mariluz Machado Raupp
Marta Benck Becker
Michelini Paganini
Mirian Regina Scheffer Cardoso
Poliana de Luca
Renata Policarpo Hendler Borges
Sandra Evaldt Model
Sílvia Boff Pinto
Simone Barcelos de Aguiar
Simone Brambila Nascimento Borges
Simone Machado de Oliveira
Suelen da Silva Mattos
Tânea Mengue Schwanck
Vanessa Colombo
Zuleica Alves de Aguiar

A PARTIR DOS TRABALHOS DESENVOLVIDOS NAS ESCOLAS:

Instituto Estadual de Educação Maria Angelina Maggi
Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom José Baréa
Escola Municipal de Ensino Fundamental Demétrio Alves
Fogaça
Escola Municipal de Ensino Fundamental José Felipe
Schaeffer

Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Ferrari
Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Luzia
Rodrigues
Escola Estadual de Ensino Fundamental Martimiano Ferreira
Alves
Escola Municipal de Educação Infantil STAN
Escola Estadual de Ensino Fundamental São Jorge
Escola Municipal de Educação Infantil Abelhinha

EDIÇÃO

Adriane Lipert Bittencourt
Ana Luiza Meirelles
Liège Frainer Barbosa

COORDENAÇÃO:

Ana Luiza Meirelles

ILUSTRAÇÃO, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Carol Salles

Agradecimentos à Liège, pela constante dedicação e apoio.

Agosto 2019
www.centroecologico.org.br

CONTEÚDO LIVRE DE PROPRIEDADE INTELECTUAL



SUMÁRIO

Apresentação.....	9
Escola Angelina Maggi	15
Escola Felipe Scheffer.....	45
Escola de Educação Infantil STAN.....	55
Escola Abelhinha.....	66
Escola Demétrio Alves Fogaça.....	84
Escola São Jorge.....	108
Escola Fernando Ferrari.....	114
Escola Luzia Rodrigues.....	132
Escola Martimiano Ferreira Alves.....	149
Escola Baréa.....	156



APRESENTAÇÃO

Introduzir e desenvolver temas ambientais em sala de aula são tarefas relativamente fáceis. Em geral, os alunos e alunas demonstram interesse em assuntos como aquecimento global, mudanças climáticas, alimentação e reciclagem de lixo, que, por sua vez, já fazem parte da pauta dos meios de comunicação e, portanto, do dia a dia das pessoas.

No entanto, abordar e trabalhar a educação ambiental de forma permanente, em todas as áreas do conhecimento, estimulando a formação humana de estudantes cada vez mais pressionados pela sociedade do consumo inconsciente, têm sido alguns dos obstáculos enfrentados por educadores e educadoras da rede pública do Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

Nesse contexto, a experiência da Teia de Educação Ambiental Mata Atlântica demonstra que é possível abrir caminhos para superar mais esse desafio. Cientes de que educadoras e educadores de outros lugares do Brasil e do mundo passam pelas mesmas dificuldades, apresentamos, no segundo número desta publicação, nossas experiências com projetos de educação ambiental. Desta forma, acreditamos poder contribuir com todas aquelas pessoas engajadas nesta área e envolvidas com a formação humana.

Desejamos a todos e a todas uma boa leitura e que sejam, quem sabe, inspirados/as a criar e desenvolver novas propostas na educação para o cuidado com a natureza e para a preservação da vida.



O QUE É A TEIA?

Desde a sua idealização, o Projeto “Consolidação e Ampliação dos Sistemas Agroflorestais na Região de Torres” da ONG Centro Ecológico, apoiado pelo PDA, previa a qualificação de um grupo de 40 educadoras e educadores para inserir, de forma mais contínua e sistemática, a educação ambiental nas escolas do Litoral Norte do Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina.

A realização de um curso teórico-prático sobre “Mata Atlântica e Questões Socioambientais”, iniciado em outubro de 2005, foi o ponto de partida para a construção de uma rede de formação e de relacionamentos que as educadoras escolheram chamar de “Teia de Educação Ambiental Mata Atlântica”.

De lá para cá, a Teia já realizou diversas atividades de formação junto aos educadores da região, incluindo-se aí também merendeiras e outros técnicos que se relacionam com os processos educacionais de modo geral. Consolidada como um espaço de resistência e de formação continuada, essa Rede tem oportunizado aos educadores apropriar-se de processos criativos que inspirem e produzam

práticas pedagógicas alternativas e inovadoras nas escolas.

Nesses 13 anos de atividades, a Teia já atuou e continua atuando em diversas frentes de trabalho: visitas técnicas; encontros com profissionais de diferentes áreas, possibilitando uma formação transdisciplinar; intercâmbios entre estudantes e educadores e a produção de diversos materiais, entre eles a série de livros infantis, cuja personagem principal é Nina. Esperta e curiosa, Nina é uma garotinha que dialoga com o público infantil e leva às crianças conhecimentos da região, da cultura e da natureza.

Para a publicação deste segundo número da Revista da Teia, as escolas foram desafiadas a contar um pouco de suas práticas, dos processos pedagógicos que foram e são vivenciados na área da educação ambiental, a qual, em última análise, nada mais é do que a educação em si mesma. Dez escolas de

cinco municípios aceitaram o desafio: Escola de Educação Infantil Stan (Torres), Escola Municipal de E. F. Demétrio Alves Fogaça e Escola Estadual de E. F. Martimiano Ferreira Alves (Mampituba), Instituto de Educação Maria Angelina Maggi, Escola Municipal de Educação Infantil Abelhinha, Escola Estadual de E. F. Dom José Baréa, Escola Municipal de E. F. Fernando Ferrari e Escola Municipal de E. F. José Felipe Schaeffer (Três Cachoeiras), E. E. de E. F. São Jorge (Morrinhos do Sul) e Escola Municipal de E. F. Professora Luzia Rodrigues (Dom Pedro de Alcântara).

Aqui, elas compartilham suas realizações com outros educadores, relatando seus projetos e suas experiências, coletivos ou individuais, com temáticas diferenciadas, relacionando meio ambiente, natureza e sociedade, e expõem não só os resultados positivos, mas também as dificuldades encontradas ao longo do caminho. Além disso, junto à riqueza dos

trabalhos, trazem a sua boa energia, a sua vitalidade, alimentando a esperança daqueles que acreditam que a educação pode ser melhor, mais reflexiva e dialógica, conectada com a vida.

ONDE ESTAMOS

As escolas envolvidas com a Teia estão localizadas em cinco municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul: Três Cachoeiras, Morrinhos do Sul, Torres, Mampituba e Dom Pedro de Alcântara. A maioria delas está inserida na zona rural e exige propostas de ensino diferenciadas, adequadas a uma realidade que vem sendo drasticamente transformada e, por que não dizer, degradada nos últimos 40 anos.

O entorno desses municípios e, portanto, dessas escolas é o bioma Mata Atlântica, cuja biodiversidade faz dele um dos biomas mais ricos do planeta. Nos últimos anos, porém, tem sido objeto

de diferentes políticas de preservação, integrando, do ponto de vista legal, a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, área especial de proteção ambiental reconhecida pela UNESCO — Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

No entanto, somente no Rio Grande do Sul, a combinação urbana e rural da pressão humana reduziu uma área de, aproximadamente, 112.027 km² – correspondendo a cerca de 40% do território estadual – para 7.496,67 km², ou seja, apenas 2,7% de sua formação original. Os principais remanescentes desse bioma encontram-se no Litoral Norte, estendendo-se até ao planalto meridional, e estão protegidos por meio de uma série de Unidades de Conservação.

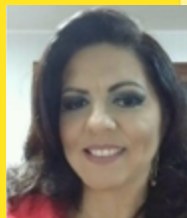
A estrutura fundiária da região caracteriza-se pelo predomínio de propriedades familiares, cujo tamanho médio é em torno de 5 hectares, onde se destaca o cultivo da banana, de hortaliças, aipim,

além das pastagens. Nas áreas de várzea, a expansão da monocultura de arroz constitui-se como principal ameaça aos ecossistemas da região devido ao uso de agrotóxicos, ao assoreamento dos rios e das lagoas e, até mesmo, pela crescente concentração de terras. Outra questão recorrente, semelhante a várias regiões do país e do mundo, é o êxodo dos jovens da agricultura. A cada dia, as áreas rurais ficam mais esvaziadas com a migração dos mais jovens para as áreas urbanas em busca de melhores condições de vida.

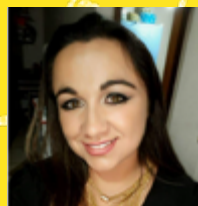
Embora a riqueza natural desta região esteja constantemente ameaçada, com suas lagoas, rios e cursos d'água sendo reduzidos e degradados pelo desmatamento da mata ciliar, a beleza da paisagem é sempre motivo de surpresa e encantamento para os visitantes e de orgulho para os moradores locais.



INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO MARIA ANGELINA MAGGI



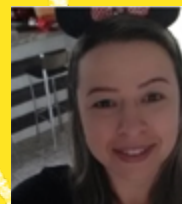
Luana Machado Medeiros



Joscimara Scheffer Schwanck



Suelen da Silva Mattos



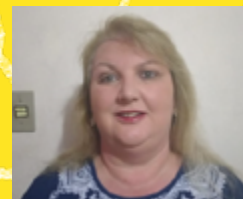
Gislaine Cardoso Aguiar



Andressa Schutz Carlos



Cristina Schutz Evaldt
Machado



Adriana Roberta Ceron Bellé



Sandra Evaldt Model

Educadoras

“NOSSA ESCOLA, NOSSA TERRA, NOSSO LAR”

Localizada no município de Três Cachoeiras, Rio Grande do Sul, a Escola Angelina, como é conhecida na região, conta, atualmente, com oitocentos e cinquenta alunos, distribuídos em turmas dos anos iniciais (270 alunos nos turnos matutino e vespertino), Ensino Fundamental Final, Curso Normal e Ensino Médio Politécnico.

Durante o ano letivo de 2015, contando com o apoio do Centro Ecológico¹ e do trabalho voluntário da Psicopedagoga Margarita Hainzenreder, os anos iniciais da Escola Angelina

desenvolveram o projeto “Nossa Escola, Nossa Terra, Nosso Lar”.

O projeto surgiu a partir da constatação de que os alunos dos anos iniciais apresentavam hábitos inadequados em relação à sua alimentação, ao consumo e, também, ao seu comportamento. Além disso, para nossa preocupação, demonstravam estarem desvinculados da natureza como se não fizessem parte dela e, pior ainda, não se sentiam conectados com ela.

O principal objetivo do projeto foi, então, o de conscientizar

as crianças sobre a importância da reintegração do ser humano à natureza, para que se sentissem parte dela e construíssem alternativas de sustentabilidade. Para atingir esse objetivo, escolhemos três temas a serem desenvolvidos com os pequenos: (1) O estudo do Universo; (2) Nós: Cuidando do planeta Terra; (3) Eu: cuidando de mim, dos colegas, da escola, das pessoas e dos seres vivos.

Visando à sensibilização dos alunos, foi preparada uma peça teatral - “Uma Grande Aventura pelo Espaço” - que conta a história de uma família muito unida, presente e atuante na vida escolar dos filhos. Os pais, para irem a uma reunião da escola, deixam as crianças com a avó, que adora usar a sua imaginação fértil para falar sobre o universo.

Em seguida, e aproveitando



¹ Centro Ecológico é uma ONG que, desde 1985, trabalha para viabilizar avanços sustentáveis na produção agrícola, mediante a adoção de tecnologias alternativas orientadas pela filosofia da preservação ambiental e da justiça social. <http://www.centroecologico.org.br/index.php>

o entusiasmo dos pequenos, demos início ao desenvolvimento do projeto, que ocorreu em diferentes etapas. Diversos foram os recursos utilizados para trabalhar o tema proposto como veremos mais adiante; contudo, um dos elementos essenciais para a realização das atividades foi o livro “Nina e a Carta da Terra”, de Adriane Lipert Bittencourt. Esse livro singelo apresenta, de forma dinâmica e divertida, as questões ambientais que envolvem nossa sociedade. Por isso, nossa escolha.

Cada turma desenvolveu as atividades de forma diferente de acordo com as necessidades apresentadas pelos alunos. E são essas diversas experiências que queremos compartilhar, lembrando que o projeto não terminou em 2015, mas continuou no ano seguinte com a realização das

atividades, cada vez mais permeadas de novidades e enriquecidas por novos questionamentos e novas descobertas.

MÃOS À OBRA

O 5º. ANO EXPLORA O SISTEMA SOLAR E O PLANETA TERRA

Os assuntos explorados no projeto foram sugeridos pelos próprios alunos a partir da curiosidade que demonstravam sobre alguns temas específicos. Essa participação direta no processo de tomada de decisões foi de extrema importância, pois motivou as crianças a pesquisarem em busca das respostas às suas indagações.

Os alunos do quinto ano¹, por exemplo, na primeira etapa do projeto, realizaram

estudos sobre o sol e sobre os eclipses solares. Confeccionaram maquetes representando o sistema solar com seus planetas e descreveram outros aspectos como tamanho, cores e a distância de cada planeta em relação ao sol. Também construíram uma maquete para fazer a demonstração de como acontece um eclipse

solar e, como atividade final, produziram um livro, apresentando algumas curiosidades sobre o sol, como tamanho e temperatura.

Na segunda etapa do projeto, os educandos se interessaram em estudar a formação de nosso planeta, as placas tectônicas, os vulcões, os terremotos e



¹ Turma 51. Professoras Joscimara Scheffer Schwanck e Andressa Schutz Carlos.

os dinossauros. A partir das pesquisas realizadas, foram desenvolvidas diferentes atividades: as crianças construíram dinossauros, utilizando materiais recicláveis; realizaram pintura com tinta para ilustrar as camadas da Terra e pinturas com carvão, imitando as pinturas rupestres dos homens das cavernas que habitaram nosso planeta; construíram vulcões com argila que “entraram em erupção” na sala de aula.

Já na terceira etapa, o trabalho voltou-se à percepção do “Eu” enquanto parte desse universo, observando-se aí o papel de cada indivíduo na relação com o meio e com o outro.

Nesta etapa, utilizamos o livro “Nina e a Carta da Terra”, de Adriane Lipert Bittencourt,

como inspirador e norteador das atividades baseadas nos princípios daquele documento, proposto durante a Rio-92, os quais contemplam as relações entre os seres vivos e o mundo à sua volta. Dentre as atividades realizadas, destacaram-se: a construção de painel com ilustrações dos princípios trabalhados; a criação de novos princípios partindo dos conceitos dos educandos; a produção de vídeos realizados com as famílias, demonstrando a prática desses princípios nas casas dos alunos; e amostra de trabalhos com o envolvimento de toda a comunidade escolar.

A atividade de produção dos vídeos com as famílias teve como objetivo mostrar o exercício daqueles princípios em ações concretas do



cotidiano familiar. Os alunos trouxeram exemplos como coleta seletiva e reaproveitamento do lixo orgânico para adubação de hortas, limpeza das margens da lagoa na Prainha², cuidados com os animais domésticos, economia de água nas atividades diárias (lavar louças e escovar os dentes),

arrecadação de alimentos para doações, entre outros.

Os trabalhos desenvolvidos nesta etapa do projeto despertaram nos alunos uma melhor percepção do seu papel no meio em que vivem, permitindo o reconhecimento da influência de suas ações na preservação desses espaços.

² A Prainha é um local à beira da Lagoa Itapeva, no município de Três Cachoeiras, RS.

Os pais também se mostraram receptivos ao projeto, colaborando na execução das atividades, participando da amostra de trabalhos e apreciando os resultados com críticas positivas.

Um aprendizado assim torna-se prazeroso, deixa as aulas agradáveis e estimula os alunos na busca do conhecimento. Diante dos resultados que obtivemos, podemos afirmar que este trabalho, mediado pel@s educador@s e construído, de fato, pelos educandos, foi muito significativo para todos.



LUA, Ó LUA, INSPIRA O 4º. ANO

Luana Machado
Medeiros

Os alunos do 4º ano¹, turma 42, escolheram pesquisar sobre o satélite natural da Terra. Primeiramente, verificamos o que a turma já sabia sobre a Lua. Os alunos elaboraram um questionário e cada um levou o seu para casa para entrevistar os seus familiares. Além disso, documentários, sítios confiáveis da Internet e livros acrescentaram as informações que faltavam e completaram nossa pesquisa. Confeccionamos cartazes e, também, uma “Lua” utilizando papel machê.

Trabalhamos com textos coletivos e individuais. Para sistematizarmos nossa

pesquisa e demonstrarmos tudo o que havíamos descoberto sobre a Lua, organizamos e montamos um “telejornal” - chamado de Jornal do Conhecimento pelos alunos - para ser apresentado às demais turmas dos anos iniciais da nossa escola.

Para finalizar essa primeira parte do projeto, ensaiamos a música-tema “Lua, sempre a mesma lua”, do desenho educativo “Show da Luna”,

apresentado no canal de TV por assinatura Discovery Kids, para cantar na abertura do Jornal. Na segunda parte do projeto, assistimos a um vídeo sobre a formação do planeta Terra e conversamos a respeito das duas teorias mais aceitas em relação à formação do nosso planeta: a Evolucionista e a Criacionista. Os alunos produziram textos, expressando suas opiniões, dúvidas e descobertas.



¹ Turma 42, Professora Luana Machado Medeiros



Para estimular a criatividade dos pequenos, propus uma atividade artística. Utilizando tinta guache, pincel e papel pardo, eles deveriam pintar a formação do planeta Terra sem usar as mãos, mas, sim, outras partes do corpo. Foi uma atividade divertida e de muita aprendizagem para todos. Com a curiosidade aguçada, as crianças não paravam de fazer perguntas. Queriam saber mais. Por isso, levei para a sala de aula o planetário luminoso, que fica na biblioteca da escola, para explicar como funciona o sistema de rotação e translação do nosso planeta.

As crianças também assistiram a uma apresentação sobre a estrutura interna da Terra, realizada pelos alunos do primeiro ano do Ensino Médio da nossa escola. Aprenderam, através de vídeos, comentários e maquetes como é formado o interior de nosso planeta, suas diversas camadas e, também, a respeito das placas tectônicas.

A partir daí, começamos a estudar as primeiras formas de vida do planeta. A turma escolheu pesquisar sobre os dinossauros, e realizamos praticamente a mesma metodologia utilizada no estudo sobre a Lua: assistiram a vários vídeos, ao filme “Os Croods”,

pesquisaram em livros e sítios da Internet, elaboraram questionário para que fosse respondido por seus familiares e confeccionaram cartazes.

Na terceira e última etapa do projeto, os alunos foram presenteados com o livro “Nina e a Carta da Terra”, uma doação do Centro Ecológico. Primeiramente, contei a história; depois, comentamos no grande grupo e, em seguida, cada criança pôde explorar seu livro, fazendo a leitura individualmente. Também se divertiram, pintando as ilustrações apresentadas como atividades extras do livro.

Inspirada por um dos princípios da Carta da Terra - “Cuide do lugar onde você vive. Separe o lixo e lute pela coleta seletiva na sua comunidade. Um lugar limpo e agradável traz saúde e qualidade de vida para todos” - solicitei que os alunos levassem o livro para casa e o lessem com a

família e que respondessem a um questionário sobre alternativas possíveis para ajudarmos o planeta, começando por nossas casas ou bairros.

Ainda na sala de aula, nos grupos, discutimos o que poderíamos fazer enquanto turma, e começaram a surgir muitas ideias. No dia seguinte, montamos um gráfico com as ideias trazidas de casa e as formuladas em aula. Ficou decidido que iríamos recolher garrafas PET para a confecção de pufes. Além disso, a família de cada aluno ficou responsável pelo plantio e cultivo de algum legume na horta de casa. Quem não tinha horta, comprometeu-se a iniciar uma.

Com a colaboração importante das famílias que ajudaram a confeccionar os pufes, a primeira meta foi atingida: as garrafas PET foram reutilizadas e os pufes ficaram muito bonitos!

Com relação à horta, cada aluno ficou responsável pelo relato escrito de tudo o que dizia respeito ao andamento da plantação. Combinamos que faríamos visitas às famílias para observarmos o crescimento do legume plantado. A cada semana, visitávamos uma casa. Alguns alunos não obtiveram a ajuda de seus familiares, mas a grande maioria participou. Conseguimos colher alfaces, rabanetes, beterrabas, repolhos, cebolas verdes, salsas e também moranguinhos. Todos cultivados sem o uso de agrotóxicos; totalmente orgânicos.

Este projeto envolveu as crianças o tempo todo e demonstrou que uma aprendizagem com significado traz muito mais resultado e felicidade para a escola.

A LUA E SEUS MISTÉRIOS: O 4º. ANO É DESAFIADO A DESVENDÁ-LOS



Gislaine Cardoso Aguiar

Um dos grandes desafios de nossa profissão (ou seria nossa missão?) é envolver os alunos de forma plena, alegre e prazerosa nas atividades que planejamos para atingir os objetivos propostos pela LDB e pelos PCNs para o ano em questão. Por isso, buscamos sempre despertar nas crianças curiosidade pelos assuntos que serão apresentados a elas e, sem medir esforços, procuramos fazê-las se sentirem responsáveis pelo seu próprio aprendizado.

Assim, em 2015, estimulamos e desafiamos os alunos do 4º. Ano, Turma 41¹, a desvendarem os mistérios

¹ Turma 42, Professora Luana

da Lua, um dos conteúdos dessa etapa do Ensino Fundamental. Após assistirem a uma peça de teatro sobre o tema, produzida e apresentada pelas professoras, as crianças foram convidadas a listar suas curiosidades sobre o universo.

Descobrimos, então, que a maioria delas tinha muito interesse em aprender mais sobre a Lua, por isso nossos trabalhos foram norteados pelas curiosidades apresentadas:

- a) A Lua tem cor?
- b) Por que ela aparece de diferentes formas aqui na Terra?
- c) É verdade que a Lua interfere no crescimento do cabelo?
- d) A Lua influencia no parto?
- e) Se a Lua desaparecesse,

faria alguma diferença para a vida na Terra?

f) Por que tudo fica mais leve e flutua na Lua?

Nesse primeiro debate, elencamos também algumas informações que os alunos já possuíam sobre o assunto: a Lua não tem luz própria; ela é iluminada pelo sol; a Lua não aparece só à noite; é possível vê-la durante o dia também (mas não sabiam o porquê); não há vida na Lua.

A partir daí, agrupamos algumas perguntas que, aparentemente, teriam a mesma linha de pesquisa e decidimos iniciar nossos estudos pelas seguintes questões:

- Por que a Lua aparece de formas diferentes aqui na Terra?

- A Lua tem cor?

Primeiramente, apresentamos um planetário aos alunos e eles puderam constatar que, de acordo com a luminosidade que a Lua recebe do sol, sua aparência muda aqui na Terra. Algumas crianças, nesse momento, já conseguiam nomear algumas fases da Lua, como a cheia e a crescente. Muitos desses saberes estavam relacionados a comentários que ouviam em casa, de seus familiares, os quais, por serem agricultores, se baseiam nas fases da Lua para plantarem e cultivarem a terra.

Decidimos, então, dividir a turma em grupos e elaborar uma pesquisa com as famílias a fim de buscar, na sabedoria popular, explicações para as dúvidas existentes. Ao associar esses saberes às pesquisas realizadas pelos alunos, descobriu-se que,

para cada resposta dada pelas famílias, existia uma comprovação científica, como é o caso da interferência da Lua nas marés e na germinação das sementes. Nesse processo de pesquisa, muitas vezes, a turma encontrava respostas para outras perguntas que tinha inicialmente. Por exemplo, ao estudarem sobre as influências da Lua nas marés, acabaram concluindo que, se a Lua desaparecesse, a vida humana na Terra se tornaria tão instável que, provavelmente, desapareceria também.

Na pesquisa realizada para responder à questão “Por que tudo fica mais leve e flutua na Lua?” as crianças estudaram a biografia de Neil Armstrong, o primeiro astronauta a pisar no satélite da Terra. Porém, o grande aprendizado aconteceu ao tomarmos

conhecimento sobre Marcos Pontes, astronauta brasileiro. Além das questões sobre astronomia, sua história e experiência de vida levaram-nos a refletir sobre a importância de acreditarmos nos nossos sonhos:

“Você consegue ser o que você quiser na sua vida (...) desde que você estude, trabalhe, persista e sempre faça mais do que esperam de você.”²

O objetivo, nesta primeira fase do projeto, era levar os alunos a perceberem a grandiosidade que nos cerca e entenderem que alguns fatores no espaço interferem diretamente em nossas vidas.

A pesquisa inspirou os alunos a criarem o “Jornal Lunar”- um jornal falado. Essa tarefa exigiu que explorássemos

outros assuntos de outras disciplinas como Língua Portuguesa, por exemplo, e estudássemos discurso direto e indireto, o uso de parágrafo, travessão e outras informações que envolvem a produção de um roteiro para teatro. O texto usado pela turma passou por vários reparos até ficar pronto para a apresentação, a qual aconteceu para as turmas dos anos iniciais da escola que, por sua vez, estavam descobrindo e aprendendo sobre o Universo. Através de entrevistas diversas com um



² Marcos Pontes, Sbt repórter, 6 de abril de 2011, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KDos3ISBFfo>



pescador, um agricultor, um cabeleireiro e um astronauta, o Jornal Lunar apresentava as curiosidades sobre cada uma dessas profissões que eram determinadas pelas fases da Lua.

Outra atividade que uniu a turma em torno desse assunto foi a confecção, com papel machê, de uma

lua. Essa atividade artística tinha também o objetivo de auxiliar na demonstração prática das fases da Lua. A explicação sobre o porquê de a Lua aparecer durante o dia foi construída junto com as crianças por meio dessas demonstrações.

Esta primeira parte do projeto foi muito significativa para

os alunos, pois conseguiram responder a todas as dúvidas iniciais em relação ao tema e, desta forma, construíram o embasamento necessário para poderem aprofundar os conhecimentos que direcionavam para o planeta Terra.

Na segunda etapa do projeto, a turma se envolveu com os estudos sobre o nosso planeta. Novamente, o astronauta (personagem do teatro produzido e apresentado pelos professores) visitou a turma para estimular a pesquisa sobre a origem do

nosso planeta e a evolução da vida. Pesquisas em diferentes mídias foram utilizadas nesta etapa do projeto: vídeos, documentários, enciclopédias, a bíblia. Nossos achados levaram-nos a discutir, inclusive, as teorias criacionista e evolucionista.

Considerando que o estudo do solo é um dos conteúdos do 4º ano, a turma foi instigada a aprofundar seus conhecimentos sobre a formação do solo e os cuidados que devemos ter com ele. Para compreender melhor o surgimento do solo,



reproduziram esse processo usando argila. Também realizaram um experimento para testar a passagem da água através dos diferentes tipos de solo, destacando-se as características dos solos arenoso e argiloso.

O livro “O Ônibus Mágico no Interior da Terra”³ norteou as atividades sobre rochas. As crianças trouxeram diferentes tipos de rochas para a escola e, através de pesquisa, descobriram nome, origem e utilidade de cada uma delas. Daí para a organização de uma “coleção de rochas” da turma foi um pulo. Logo, os pequenos estavam selecionando e classificando as várias rochas: ígneas, vulcânicas, sedimentares e metamórficas.

No enfoque dado sobre as formas de tornar um solo mais fértil e produtivo, surgiu a ideia de construirmos um

minhocário. Essa tarefa foi desencadeadora de muita pesquisa, pois, além de saber como construí-lo, teríamos que representar o hábitat desses animais da forma mais natural possível e menos ofensiva.

As principais questões que nortearam a turma na tarefa de construção do minhocário foram:

- as minhocas cuidam dos ovos e dos filhotes?
- as minhocas dormem?
- o que é o “anel” no corpo da minhoca?
- quantos anos vive uma minhoca?
- existia minhoca no tempo dos dinossauros?
- minhocas de diferentes espécies podem viver juntas

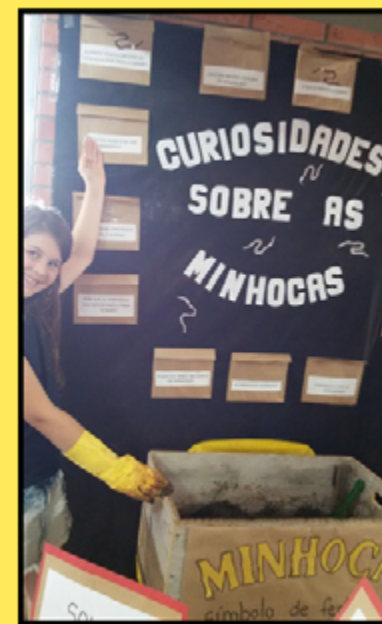
no mesmo minhocário?

- quanto tempo um ovo de minhoca leva para eclodir?
- as minhocas enxergam, ouvem, cheiram?
- o que a minhoca come?
- a minhoca pode se regenerar?
- existem muitas espécies de minhocas?
- por que as minhocas são importantes para o solo?

À medida que a turma se apoderava das respostas às perguntas sobre as minhocas, mais se envolvia com a questão ambiental contida em cada uma delas. Foi nesse momento que os alunos conheceram o livro “Nina e a

Carta da Terra”⁴.

O princípio “Tenha cuidado com a água, a terra, o ar. Defenda a ideia de que todos têm direito aos recursos naturais” foi aprofundado e cada vez mais os alunos se sentiam motivados a buscarem informações a



³ Joanna Cole e Bruce Degen. Tradução: Heliete Vaitsman. Ilustração: Bruce Degen. Foi vencedora do prêmio de não ficção infantil do The Washington Post, em 1991.

⁴ Adriane Lipert Bittencourt. Publicação do Centro Ecológico com o apoio da ONG holandesa Kerkimactie.



respeito do solo e de suas especificidades, bem como sobre a importância de cada ser vivo existente na natureza.

As queimadas, o desflorestamento e a erosão foram outros conceitos estudados pela turma por meio de leituras no próprio livro didático.

Com o texto “Carta ao Inquilino”⁵, a turma enumerou e listou alguns compromissos com relação à preservação do meio ambiente. Neste aspecto, sentiram-se mais comprometidos com a separação do lixo, uma vez que ele representa uma taxa significativa entre os fatores que poluem o solo. Os alunos redigiram uma resposta ilustrada à Carta da Terra,

⁵ Autor desconhecido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LPZEaWcFlsY>

registrando os compromissos assumidos.

A canção “Herdeiros do futuro”⁶ também foi fonte inspiradora para reflexões do grupo, abordando a questão ambiental e estimulando os alunos a pensarem sobre a importância de se preservar o ambiente.

Eram tantas as atividades e tão produtivas e estimulantes que, quando percebemos, já estávamos no final do ano letivo, e as aspirações da turma continuavam fervorosas. Poderíamos ter visitado lavouras, conversado com coletadores de lixo, ter mobilizado mais ações nas famílias, enfim, poderíamos ter feito tantas outras coisas. Porém, os estudos

até então realizados e os conhecimentos construídos pela turma foram suficientes para ocasionar pequenas mudanças de atitudes na escola e nas famílias com relação, especialmente, à separação de lixo e ao cuidado com o solo.

Em suma, com os objetivos do projeto plenamente atingidos, encerramos o ano com muita alegria e sentimento de missão cumprida. É isso o que, afinal, nos move: nossa missão!

⁶ Composição de Toquinho e Elifas Andreatto, 2002. Vídeo disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=YGvTMvP-oCs>



CURIOSIDADE EM ALTA: UM PROJETO PARA DOIS ANOS DE ESTUDO

Sandra Evaldt Model

Este projeto foi desenvolvido no decorrer dos anos de 2015 e 2016 com o mesmo grupo de alunos, sob o olhar e a orientação da mesma professora. Vamos ver como tudo aconteceu.

Em 2015, os alunos da Turma 32¹ engajaram-se em pesquisas de forma autônoma, mas monitorada, tanto na escola quanto no ambiente familiar. Na escola, estudaram sobre o sistema solar e os principais movimentos do planeta Terra.

Entre as atividades relacionadas ao assunto, as crianças confeccionaram uma maquete com todos os planetas e puderam perceber mais nitidamente a distância de cada um em relação ao sol,

o tamanho de cada um deles e os movimentos que realizam. Os conceitos de rotação e de translação ficaram mais claros para os pequenos. Aprenderam, também, que o caminho percorrido pela Terra chama-se órbita e que nosso planeta viaja a uma velocidade de 107.000 km/hora, demorando cerca de um ano para completar esse percurso, o que determina as estações do ano.

Perguntas do tipo “como surgiu o universo?”, “qual foi o primeiro dinossauro?”, “por que a água, as árvores, as pessoas não caem da terra?” eram frequentes e, muitas vezes, a resposta vinha dos próprios colegas da turma. Quando necessário, eu

¹ Professora regente: Sandra Evaldt Model

sempre complementava com mais informações relevantes. Para estimular ainda mais a discussão das curiosidades, propus que os alunos escrevessem um texto sobre o que já haviam aprendido dentro do projeto e o que ainda gostariam de aprender e descobrir. No dia que se seguiu a essa atividade de escrita, realizamos “o seminário das descobertas”, durante o qual cada aluno fazia suas novas perguntas para o grupo. Os colegas que sabiam as respostas já respondiam no grande grupo; caso contrário, a pergunta era anotada para ser pesquisada posteriormente.

Na continuação do projeto,

contei a história “Nina e a Carta da Terra”, de Adriane L. Bittencourt. Conversamos muito sobre os princípios da carta, o que cada um de nós poderia fazer e, então, confeccionamos um painel. Ali, cada aluno desenhava e escrevia pelo menos uma frase de como poderia contribuir para termos um meio ambiente mais sustentável e equilibrado.

Percebi que a turma se preocupava principalmente com o problema do lixo e com o corte e queima das árvores. Por isso, resolvi focar um pouco mais em valores como o respeito, estendendo o conceito não só à natureza, mas ao ambiente como

um todo, isto é, respeito às pessoas e às diferentes culturas. Isso acabou nos levando a fazer um resgate cultural da história de vida de cada um dos alunos e também de seus antepassados.

Uma das primeiras atividades que realizamos nessa etapa foi a montagem de uma árvore genealógica: as crianças anotavam os nomes de seus pais, avós, bisavós, o nome do lugar onde moravam e o que faziam. A socialização dessa atividade foi muito interessante, pois as crianças descobriram nomes iguais de suas bisavós e profissões parecidas. A maioria denominou-se agricultor/a, caminhoneiro ou do lar; apenas um descendente de japonês escreveu que seu bisavô trabalhava em navio. Uma pergunta, cuja resposta parecia muito clara, surgiu na turma: “Professora, por que o Kenzo é japonês, se ele não mora no Japão?” Esse questionamento levou-nos a conversar sobre a

temática ‘descendência’ e todos concordaram que, da mesma forma que temos origem alemã e não moramos na Alemanha, Kenzo é descendente de pessoas que nasceram no Japão, mas, como nasceu no Brasil, é considerado brasileiro como todos os que aqui nasceram.

Aproveitando essa temática, elaboramos o gráfico das descendências. Primeiramente, cada um perguntou em casa qual, ou quais, era sua descendência e, então, cada criança foi adicionando tampinhas de garrafa PET ao gráfico conforme sua descendência: quem tinha descendência alemã e indígena, por exemplo, marcava as duas. Com o gráfico pronto, confirmamos nossa pré-observação (ou hipótese) de que a maioria dos alunos do 3º ano tem descendência alemã.

Essa questão levou-nos a outro ponto: como eram as coisas antigamente? Por acreditar



que, conhecendo o lugar onde moramos e sabendo sobre a história de quem nos colocou neste mundo, damos mais valor e respeitamos com mais firmeza toda e qualquer forma de vida presente em nosso meio, decidimos aprofundar um pouco mais esse tema. Decidimos resgatar informações de como viviam nossos antepassados e preparamos uma pesquisa para os alunos fazerem com os avós; caso não fosse possível, poderiam realizá-la com seus pais. A entrevista propunha uma reflexão sobre os seguintes aspectos: “Quando você era criança, como eram a escola, a vizinhança, as famílias, as crianças, as brincadeiras, as moradias, as roupas, as comidas, a saúde?”

As crianças estavam muito envolvidas e engajadas no desenvolvimento do projeto “Cuidando de mim, do outro e do lugar em que a gente vive”, que se enriquecia a cada atividade realizada.

Para abrilhantar ainda mais os trabalhos, os alunos foram presenteados com o livro “Nina e a Carta da Terra”.

Foi indescritível a surpresa dos alunos ao chegarem do recreio e encontrarem os livros aguardando por eles...

O livro “Nina e a Carta da Terra” abre muitas e diferentes possibilidades de trabalho, mas o ano letivo de 2015 estava chegando ao fim e vários projetos ficaram inconclusos. Então, em maio de 2016, agora com uma turma de 4º ano, 20 alunos, solicitei que resgatassem o “livro da Nina”, ganho no ano anterior, para fazermos novas leituras.

Um dos princípios destacados desta vez foi sobre os cuidados que devemos ter com “nosso planeta que é cheio de vida... dependemos uns dos outros para sobreviver”. Os cuidados com o solo, a água e o ar dependem da ação humana. Se não tivermos essa consciência planetária abordada no livro, o que será

de nós, o que será dos peixes, o que será do rio?

Para entendermos melhor essa questão, confeccionamos, em parceria com a estagiária de Pedagogia Mariana Behenck Maciel Rocha, um terrário. Através das paredes de vidro do terrário, as crianças conseguiram observar as camadas do solo, a movimentação de pequenos animais na terra,

o crescimento das plantas, o ciclo da água. Depois dessa experiência, ficou mais evidente para os alunos como os recursos naturais de que dispomos precisam ser cuidados e protegidos. Como nos informa o livro, “a terra é uma grande casa que abriga todos os seres vivos do planeta”; portanto, se a terra, a água, o ar, todo o nosso ecossistema continuar sendo contaminado, onde é





que vamos viver?

Os alunos apresentaram suas dúvidas acerca do terrário:

- De que modo a água não seca?
- Por que chove lá dentro?
- As plantas não ficam sem ar?
- Quanto tempo vão viver?

Para responder a essas e a outras perguntas, realizamos um debate. Quem sabia a resposta, respondia para os colegas no grande grupo, caso contrário, as dúvidas eram anotadas para serem pesquisadas posteriormente.

Com o intuito de diversificar o trabalho e de conscientizar mais fortemente os pequenos sobre os princípios da Carta da Terra, trabalhamos também com algumas músicas, entre elas Planeta Azul, de Chitãozinho e Xororó e Xote Ecológico, de Luiz Gonzaga.

A cada nova leitura do livro Nina e a Carta da Terra, sentimos a necessidade de adotar diferentes abordagens. No ano anterior, havia sido a

cultura dos diferentes povos, a valorização da história de cada um. Este ano foi a natureza, o meio ambiente, os recursos naturais como fonte de vida sustentável. O trabalho com o livro não acaba, mas continuará desencadeando questionamentos e trazendo conceitos importantes para a vida e para o futuro de nossas crianças e jovens.



ESCOLA FELIPE SCHAEFFER



Mirian Regina Scheffer Cardoso

Educadora

ENTREVISTA COM A PROFESSORA MIRIAN SCHEFFER CARDOSO

A busca por atividades para estimular cada vez mais seus alunos do 1º. ano levou a professora Mirian Regina Scheffer Cardoso a envolver as 16 crianças da turma B (alfabetização) da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Felipe Schaeffer em um projeto mais do que especial. Vamos conversar com a professora e descobrir em que consistiu esse trabalho.

RT: CONTE-NOS COMO SURTIU A IDEIA PARA ESSE PROJETO.

MSC: Sempre estive engajada nos projetos ambientais propostos pela escola em parceria e com o suporte da ONG Centro Ecológico da região. Então, procurei levar meus alunos a refletirem

sobre a Carta da Terra e sobre questões ambientais. Para isso, escolhi a obra “NINA E OS PASSARINHOS”, escrita por Adriane Lipert Bittencourt.

RT: COMO SE DESENVOLVEU O PROJETO?

MSC: Na escola, o projeto iniciou com uma apresentação teatral, realizada pelos alunos da Escola Municipal Abelhinha, sob a supervisão da professora Jucélia Azevedo, a partir da releitura daquela obra infantil. Depois, as crianças tiveram a oportunidade de procurar fotos da história da Nina na Campanha Orgânicos na Escola e foram “curtidos” em rede social.

Em sala de aula, iniciamos o trabalho, apresentando a

história através de uma caça ao tesouro. Os alunos precisavam descobrir o significado dos cartazes previamente colocados em diversos ambientes (biblioteca, sala dos professores, refeitório, secretaria) até chegarem à pracinha e encontrarem o “tesouro”: uma caixa com os exemplares da obra “NINA e os PASSARINHOS”. Uma imensa alegria tomou conta deles ao receberem o livro e poderem manuseá-lo. Esparramaram-se sobre

o tapete da sala de aula e mergulharam na leitura para descobrir “coisas” sobre a tão esperada Nina.

RT: E AS FAMÍLIAS DOS ALUNOS TAMBÉM PARTICIPARAM DO PROJETO?

MSC: Sim, e foi muito gratificante ver como isso aconteceu. Ao longo do desenvolvimento do projeto, cada aluno teve a



oportunidade de levar para casa a "Boneca Nina" na "Sacola Mágica". Foi uma linda surpresa para as famílias. A visita da Nina levou-as a refletir sobre o ambiente e o respeito que se deve ter por todas as coisas do céu e da terra. A boneca pôde participar das atividades diárias de cada família e conhecer o quintal, a horta e, também, seus hábitos alimentares, incluindo chás e ervas que utilizavam em casa. A boneca Nina serviu de inspiração para atividades de desenho e escrita dos alunos, que relatavam como havia sido a visita da Nina à sua casa.



No dia seguinte à visita, em sala de aula, fazíamos a leitura do texto produzido.

RT: O PROJETO FICOU RESTRITO A ESSAS VISITAS DA BONECA NINA?

MSC: De modo algum. Inúmeras atividades foram sendo desenvolvidas à medida que os alunos traziam seus relatos de casa, e suas histórias e conhecimentos foram sendo incorporados ao dia a dia escolar, o que tornou significativa e interessante a aprendizagem.

Entre as atividades, procurei selecionar e incluir alguns jogos, uma vez que, como afirma Esther Pillar Grossi, "o jogo implica a superação da frustração da perda, porque necessariamente alguém perde; a capacidade de superar frustrações é uma exigência inerente à aprendizagem verdadeira, que compreende no seu bojo o reconhecimento de erros".

Teve destaque o Jogo Lince, que possibilita às crianças a visualização de todas as palavras que ficam sobre a mesa, o que não ocorre em outros jogos.

RT: SEUS ALUNOS ESTAVAM SENDO ALFABETIZADOS. QUE OUTROS RECURSOS VOCÊ EMPREGOU PARA ATINGIR O OBJETIVO PRINCIPAL DO 1º. ANO?

MSC: Além das ações lúdicas, utilizei glossário e fichas didáticas visando à memorização das palavras, cuja importância é inegável, porque facilita a compreensão do sistema da escrita.

Outra atividade relevante foi a "Carta ao inquilino", autor desconhecido, uma proposta da estagiária Laíne que envolveu alunos e pais. Primeiramente, as crianças receberam uma carta supostamente enviada pela Terra aos seus habitantes. Essa carta também foi enviada



às famílias e respondida pelos alunos através do "Plano para salvar o planeta". As crianças puderam expressar sua criatividade em atividades artísticas, utilizando tecidos, tinta e muita cor. Isso resultou numa exposição de arte, no saguão da escola, com quadros ilustrando a boneca Nina e uma árvore de galhos secos decorados com passarinhos coloridos, confeccionados pelos pequenos alunos. O brilho nos olhos das crianças e a alegria em ver seu trabalho sendo admirado coroaram todo o esforço dispendido.

RT: QUE OUTRAS AÇÕES VOCÊ DESTACARIA?

MSC: Através da tarefa de casa, envolvendo notícias sobre o ambiente, foi possível ir além com as propostas de cuidados e de preservação dos recursos naturais. A questão da separação adequada dos resíduos sólidos, a campanha para estimular a utilização de composteira

nas casas dos alunos foram assuntos frequentes em sala de aula. Realizamos uma visita à Cooperativa Três Cachoeirense de resíduos sólidos, e a turma toda se engajou na campanha de recolhimento de resíduos realizada na escola com forte participação dos familiares.

Os alunos demonstravam grande curiosidade pelo

que liam, escreviam e criavam sobre a Nina e sua família. A espontaneidade e a criatividade das crianças foram aflorando à medida que eu as desafiava a escrever durante o projeto. Percebi seu desejo constante de aprender mesmo diante de coisas simples, mas, ao mesmo tempo, tão belas e profundas. Então, apresentei-lhes outras obras, entre as quais “Malala e Iqbal”, de Jeanette Winter. Essa história impactou a turma por tratar de uma realidade desconhecida aos pequenos. Ao mesmo tempo, porém, despertou emoções e levou-os a refletirem sobre outra visão da vida.

Além disso, utilizando canções e histórias como “Tudo começa em casa”, “Bacana de novo”, de Telma Guimarães; “Coisas pra fazer antes de crescer”, de James Misse, reforçamos valores universais - gratidão, perdão, alegria, erros e acertos, harmonia,

responsabilidade, respeito, entre outros – e os pequenos também puderam refletir sobre a valorização da escola e da autoestima de cada um.

RT: ENTRE TANTAS ATIVIDADES E TAREFAS INTERESSANTES E ENVOLVENTES, QUAL O MOMENTO QUE VOCÊ APONTARIA COMO UM DOS MAIS SIGNIFICATIVOS PARA AS CRIANÇAS?

MSC: Do início ao fim deste projeto, vivemos momentos intensos e significativos. Porém, a visita da autora Adriane Lipert Bittencourt foi, sem dúvida, extremamente valiosa. Os alunos foram alegremente surpreendidos com a presença inesperada de Adriane e ficaram muito felizes com a visita. Diante da criadora da personagem Nina, tiveram oportunidade de fazer perguntas e, também,



de mostrar seus trabalhos, relatórios, quadros, livrinhos confeccionados com títulos também escolhidos por eles: Nina na escola, Aniversário da Nina, Nina no piquenique, Nina no parque, Nina na praia...

RT: QUAL SUA AVALIAÇÃO AO FINAL DE UM TRABALHO COMO ESSE?

MSC: Trabalhar com o livro “Nina e os passarinhos” foi um grande presente. O fato de residirmos em cidade pequena, muito próxima à zona rural, pode ter favorecido o envolvimento dos alunos. Essa obra se encaixou muito bem no projeto ambiental que estava tomando forma na escola e, com a Nina, ganhou sentimento, emoção, entusiasmo, proporcionou “vida” aos saberes. Também trouxe a possibilidade de

trabalharmos com temas como medo, violência, agressão, agressividade, falta da mãe, morte, desarmonia, relações familiares, solidariedade, compaixão, coragem, sonhos.”

Além disso, o trabalho com Grupos áulicos, conectado à proposta de aprendizagem, e as atividades ligadas à obra “Nina e os passarinhos”, foram decisivos para chegarmos ao final do ano com 100% dos alunos alfabetizados. Essa experiência nos aproximou, fez reviver a alegria da valorização de cada momento, de cada vivência, além de nos fazer pensar sobre os trabalhos propostos e a importante construção de vínculos nas relações estabelecidas entre os alunos, alunos e professores, alunos e escola, e na relação consigo mesmo. É possível construirmos uma educação humanizadora, alegre e podemos contar com a grande força criadora que existe dentro de cada ser humano. É possível ter na

escola referências positivas e continuar aprendendo a viver em grupo, com sonhos de um mundo melhor para todos. É possível, com sensibilidade, “ouvir” a todos, pensar em todos, ensinar a TODOS.”

“Gratidão pela escola, pelos colegas, pelas parcerias, pelos alunos e suas famílias! Gratidão pela energia que nos dá vida.”



ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO STAN

Educadora



Simone Brambila Nascimento Borges

PROJETO VAMOS ABRAÇAR O MUNDINHO

Simone Brambila Nascimento

Diante da problemática ambiental atual, é imprescindível que a educação ambiental ocupe um espaço de destaque dentro do contexto escolar, principalmente na educação infantil, período em que as crianças vão incorporando conceitos e hábitos para constituir-se como cidadãos autônomos e participativos na sociedade.

Assim, no ano de 2014, no município de Torres/RS, foi realizado o projeto “Vamos abraçar o mundinho” na Escola Municipal de Educação Infantil STAN, com a mediação da professora/bióloga Simone Brambila Nascimento Borges.

Este projeto teve como objetivo despertar a autonomia ambiental das crianças da pré-escola, para

que essas, desde pequenas, desenvolvam uma nova cultura, sensibilizando-se em relação à problemática ambiental e identificando as ações que contribuam para a conservação e manutenção do meio ambiente.

É fundamental formar seres humanos para o presente, para qualquer presente; seres nos quais qualquer outro ser humano possa confiar, respeitar, seres capazes de pensar tudo e fazer tudo o que é preciso como um ato responsável a partir de sua consciência social (MATURANA E REZEPKA, 2001).

As atividades foram fundamentadas nos princípios da Educação Ambiental, empregando-se o diálogo, a criticidade sobre a

preservação do meio ambiente e o constante aprendizado com a biodiversidade local.

Para dar início ao nosso projeto, procedeu-se à etapa de observação e caracterização dos interesses dos alunos em relação ao tema. Em seguida, foi apresentada para as crianças a história “Vamos abraçar o mundinho” de Ingrid Biesemeyer Bellinghausen.

Todos ficaram encantados ao ouvir a história do mundinho, comentaram que estavam felizes por saber que havia homenzinhos que viviam de bem com o mundo e cuidavam dele, que gostavam dos animais, das florestas, das águas.

Após o diálogo com as crianças, iniciei o seguinte questionamento: “Crianças, vocês sabem quem é



o mundinho?”. Nesse momento, eles se olharam; alguns arriscaram, dizendo “É onde moram os animais”, “Ele é verde”, “É o planeta”. O próximo questionamento foi: “Vocês sabem me dizer quem são essas pessoas que moram no mundinho?”, alguns ficaram em dúvida, não sabendo o que dizer, mas uma menina respondeu “Somos nós”. A partir desse momento, foi possível instigar inúmeros temas ambientais apresentados no livro.

Após essa conversa, solicitei aos alunos que ilustrassem, utilizando tinta, o que havia sido mais significativo para eles naquela história, o que haviam aprendido com ela. Para minha grande surpresa, as crianças fizeram uma pintura mais criativa que a outra, com flores, florestas, pessoas, nuvens, sol, águas. Houve um desenho em especial, de uma aluna mais tímida, que me chamou mais a atenção: ela pintou o mundinho no centro da folha e, ao lado dele,

duas pessoas segurando-o e, ao redor, a natureza. Ver essa forma de expressão de uma criança toca muito, pois ela conseguiu compreender a essência da história.

Outro momento significativo em nosso projeto foi a conversa com os alunos sobre o que poderíamos fazer para cuidar do mundinho. Salientou-se a importância de uma compreensão crítica da problemática ambiental contemporânea e o papel dos alunos para a prevenção dos problemas ambientais e na construção de alternativas de desenvolvimento sustentável (MEDINA, 1999). Surgiram inúmeros comprometimentos, então solicitei que eles desenhassem essas ações em uma carta que enviaríamos ao mundinho.

Nas cartas, juntamente com o desenho, escrevi o que eles queriam dizer ao mundinho. Saíram coisas maravilhosas, como: “Vou dar um abraquinho no mundinho”, “Eu vou fechar a torneira e cuidar do mundinho”, “Vou cuidar das árvores e abraçar as pessoas”, “Não pode machucar os colegas e o mundinho”, “Vou abraçar, cuidar e brincar com o mundinho”. “Vou proteger o mundinho”.

Para semear um pouco este conhecimento que estávamos desenvolvendo, apresentamos nossas cartas às demais turmas. Cada aluno explicou o seu desenho. Alguns estavam com vergonha de falar, mas,



no final, todos conseguiram contar sobre o que estavam se comprometendo a fazer.

Em meio às cartas, observei uma, especialmente, em que o aluno dizia ser seu desejo brincar com o mundinho. Então, para atender a esse interesse, resolvi que iríamos confeccionar um mundinho de palitoche. Assim, as crianças pintaram o mundinho no papelão e depois colaram o palito. Quando estava pronto, todos brincaram com seus mundinhos. Foi uma diversão só!

Posteriormente, as cartas foram colocadas em um envelope grande e endereçadas, pelo correio, para o mundinho. Todos ficaram na expectativa de uma resposta. Então, no dia em que o carteiro apareceu na sala com a carta do mundinho, foi a maior emoção, os corações palpitavam, os alunos pediam enlouquecidamente para ler

a carta.

Durante a leitura, todos ficaram muito concentrados, os olhinhos brilhavam, maravilhados com o fato de o mundinho ter lembrado deles. No final, as crianças batiam palmas, pulavam e davam muitos beijinhos e abraços na carta do mundinho.

Para nosso projeto enraizar-se ainda mais e apresentar mais significado, envolvemos os pais. Expliquei para eles o projeto que estávamos desenvolvendo e solicitei que, em vez de jogarem o lixo fora, enviassem as sucatas para a escola. Alguns pais reagiram muito bem, assumindo a causa de nosso projeto; outros, no entanto, foram indiferentes. Mesmo assim, continuei a incentivar a participação de todos e, a cada dia, começaram a chegar mais materiais para reaproveitarmos. As crianças ficavam muito orgulhosas

em trazê-los para a escola e faziam questão de dizer que os pais tinham guardado o lixo para mandar para o projeto.

Quando obtivemos uma quantidade suficiente de sucata, transformamos esse material em arte. Confeccionamos o cenário da nossa história para o Desfile Cívico, que aconteceria no município e cuja temática era o meio ambiente. Durante o processo de construção do cenário, os alunos ficaram admirados ao ver no que os materiais usados poderiam se transformar. Logo, começaram a dar muitas ideias de como poderíamos fazer aquilo.

Quando o cenário ficou pronto, participamos, então, pais, alunos e professores do Desfile Cívico Ambiental. O desfile foi um momento importante de disseminação do nosso projeto. Mesmo sem a participação de alguns

pais, que sequer levaram seus filhos, concretizamos a nossa proposta de uma ação educativa ambiental autônoma, transformadora e libertadora.

Além de tudo isso, realizamos outras atividades: confeccionamos mini lixeiras de copinho de iogurte como demonstração de reconhecimento pela coleta seletiva e as enviamos para as famílias dos alunos. Também brincamos de abraçar as árvores do pátio da escola com os olhos vendados, para poder sentir sua textura, seu cheiro e depois adivinhar de que árvore se tratava.

Para dar ainda mais significado ao nosso projeto, convidei a outra turma pré-escolar para dramatizar conosco o teatro do mundinho, pois a esta altura eles também estavam trabalhando a história. Deste modo, eles nos ajudaram a construir mais cenários



de sucata e, após muitos ensaios, convidamos as demais turmas da escola e os pais para assistirem à nossa apresentação. Mesmo sendo à tarde, em horário de trabalho, a apresentação teatral foi um sucesso, porque praticamente todos os pais ou familiares estiveram presentes e ficaram maravilhados com tudo.

Nas redes sociais, alguns pais relataram o seguinte sobre nossa apresentação: “Não perderia por nada esta apresentação, saí daí babando colorido.... Encantada com tudo que vi e senti nesta apresentação. Parabéns”. “A consciência ecológica tem que ser aguçada desde criança, e isso a escola sabe fazer muito bem. Cabe aos pais continuarem em casa. Muito lindos!”.

Enfim, para finalizar a primeira etapa do nosso projeto, a turma realizou um abraço coletivo ao mundinho. Acredito que este projeto atingiu seus objetivos, porque não

visou apenas à transmissão de conhecimentos acerca do meio ambiente, mas a mudanças de comportamento por meio da realização de ações concretas para solucionar objetivamente os problemas ambientais.

É claro que nosso projeto está longe de acabar, porque projeto ambiental não é algo passageiro; ele deve estar presente no cotidiano familiar e, principalmente, escolar, devendo ser lembrado e realizado todos os dias. Mesmo com tudo o que concretizamos, todos os dias ainda é preciso rever minhas atitudes e postura como professora em relação à utilização dos materiais, assim como relembrar constantemente os alunos de fechar a torneira do banheiro, de não desperdiçar alimentos, de separar o lixo, de respeitar e tratar com carinho o colega, de não colher a flor do jardim da escola...

Cada indivíduo pode desempenhar papel

importante na proteção do meio ambiente. Atividades simples como o plantio de árvores, a economia de água ou eletricidade e a reciclagem do lixo podem fazer diferença. A Terra é o nosso lar comum. Ela também representa o nosso futuro comum. Juntos, podemos restaurar sua saúde e conservá-la limpa. (GUIMARÃES, 1995, p. 78)

Diante de tudo que foi relatado, evidencia-se que é de extrema importância incorporar desde cedo nos alunos o comprometimento com o ambiente no qual vivemos. As crianças precisam

estar atentas à situação global para que se tornem adultos mais conscientes das suas atitudes. Além disso, à medida que as crianças vão incorporando novas atitudes em relação à problemática ambiental, seus familiares e amigos também acabam sendo influenciados a agir de modo diferente, mais consciente.

O futuro da Terra está nas mãos dos adultos que vivem no presente e, inclusive, das crianças, que serão os adultos do futuro. Se essas forem lapidadas, desde pequenas, a assumirem uma



autonomia ambiental, quando crescerem, irão se tornar cidadãos e cidadãs participativos e atuantes no enfrentamento da problemática ambiental.

Para concluir, lembro aqui que educar é fazer ato de sujeito, em que deve ser problematizado o mundo em que vivemos, para que as contradições sejam superadas, comprometendo-nos com esse mundo para recriá-lo constantemente (GADOTTI, 1984).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GADOTTI, Moacir. Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 1984.

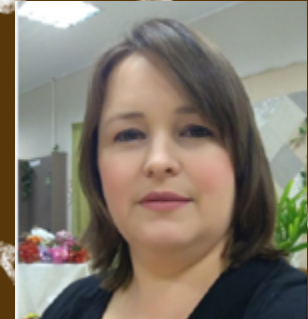
GUIMARÃES, Mauro. A dimensão ambiental na educação. 8. ed. Campinas: Papirus, 1995.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis. Formação humana e capacitação. Petrópolis: Vozes, 2001.

MEDINA, Naná Mininni. Educação ambiental: uma metodologia participativa de formação. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.



ESCOLA ABELHINHA



Tânea Mengue Schwanck

Educadoras



Jucileia Raupp Hendler Delfino



Jucélia Hendler Behenck Azevedo



A Escola Municipal de Educação Infantil (Escola Pública Municipal) ABELHINHA está localizada no município de Três Cachoeiras, RS.



Em 2016, as atividades escolares se desenrolaram a partir da leitura do livro “NINA E OS PASSARINHOS”, de Adriane Lipert Bittencourt.



A hora do conto foi o momento em que as crianças conheceram Nina, a protagonista da história, e seus amigos.



Na sequência das atividades, as crianças foram surpreendidas positivamente com um presente, que chegou pelo Correio: a personagem principal, Nina, na forma de uma boneca de pano.



Para que Nina se tornasse amiga e companheira das crianças, criou-se o projeto “Sacola Viajante” através do qual a boneca Nina visitava cada família, levando consigo o livro, o passarinho, além de um caderno de registros com fotos e relato escrito.

Entre as atividades realizadas no decorrer do ano, podemos destacar:

1. Escuta do canto dos pássaros, visando a relaxamento das crianças;

2. Estudo da função dos pássaros na natureza;



3. Conversa sobre agrotóxicos (veneno na natureza);

4. Plantio de feijão com debate sobre o que a planta precisa (terra, água, sol);



5. Leitura dos contos “João e o pé de feijão”, de Ruth Rocha, “A viagem da sementinha”, de Regina Aparecida Siguemoto, e “A gotinha Plim Plim”, de Gerusa Rodrigues Pinto.



Para desenvolver o tema, usamos os contos “Sanduíche da Maricota”, de Avelino Guedes, e “A cesta da dona Maricota”, de Tatiana Belinky.

Além disso, enfatizamos bastante a questão da alimentação saudável: frutas, verduras, receitas, tudo o que pudesse servir para despertar nas crianças o desejo de se alimentar melhor.



Visitamos a Coopet¹ (alimentos sem agrotóxicos) e realizamos atividades com frutas e verduras que envolvem os sentidos (tato e paladar). A culminância foi aprender a fazer um sanduíche e comemorar com uma salada de frutas.

¹ Cooperativa de Consumidores de Produtos Ecológicos de Três Cachoeiras

As crianças também participaram da Feira da Biodiversidade, em Três Cachoeiras, apresentando rodas cantadas relacionadas ao tema: pássaro triste...





Na escola, montaram a pirâmide alimentar, utilizando desenhos e gravuras de alimentos já recortados. Junto com a professora, exploraram o conceito da pirâmide alimentar para entender melhor quais os alimentos que devem ser consumidos com moderação e quais os que devem fazer parte da dieta diária.

Foi, ainda, realizado o gráfico da fruta preferida, envolvendo desenhos e, oralmente, operações matemáticas.



Atividades de pintura, recorte e colagem com a Nina, tais como: quebra-cabeça, confecção de palitoches, memória, jogo de trilha.

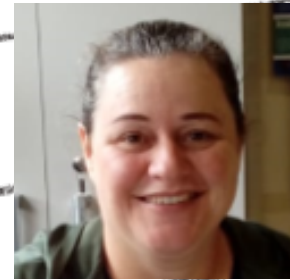


A culminância do projeto aconteceu com a visita da autora do livro NINA. As crianças ficaram realmente empolgadas com a possibilidade de conversar com Adriane Lipert e de receber um exemplar autografado do livro.

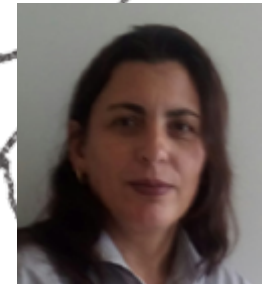
Teatro da história



ESCOLA DEMÉTRIO ALVES FOGAÇA



Gedalva Jocemar Alves



Lúcia Martins



Inês Borges e
Loreci Carlos Valim

Educadoras



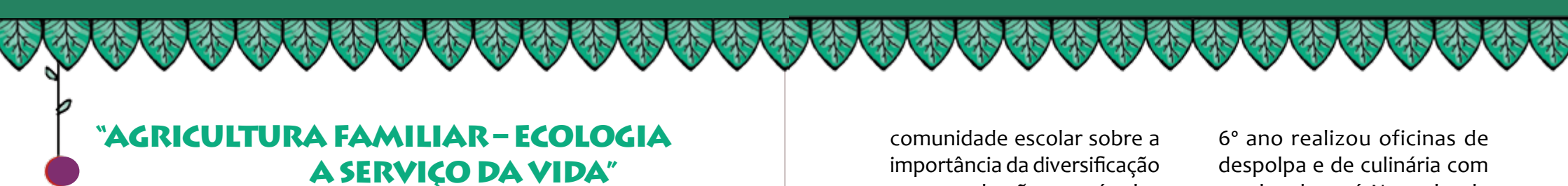
Michelini Paganini e
Ângela M. Fernandes



Vanessa Colombo



Chaiane Alves da Silva



“AGRICULTURA FAMILIAR – ECOLOGIA A SERVIÇO DA VIDA”

A Escola M. E. F. Demétrio Alves Fogaça, localizada na comunidade de Roça da Estância, município de Mampituba, RS, está inserida num contexto de zona rural no qual os pais dos alunos, em sua maioria agricultores, desenvolvem atividades agrícolas tanto convencionais quanto ecológicas. São atendidos 105 alunos do pré-escolar ao 6º ano, distribuídos, no período matutino, em turmas do Ensino Infantil (pré-escolar de 5 anos), Ensino Fundamental (séries iniciais de 1º a 5º ano) e Ensino Fundamental (séries finais com o 6º ano). No turno vespertino, funciona o programa Mais Educação, com oficinas de dança, violão, tênis de mesa, futebol e reforço escolar, destinado aos alunos que vivem em situação

de vulnerabilidade social.

No ano de 2014, a escola desenvolveu o “Projeto Agricultura Familiar – Ecologia a Serviço da Vida”, procurando dar continuidade ao projeto do ano anterior: “Lugar onde vivo – Ser integrante e participante do meio”. O tema proposto agora pretendia ampliar a importância da agricultura familiar e do papel dos pequenos agricultores na busca da erradicação da fome e da pobreza, na provisão de segurança alimentar e nutricional e na melhora dos meios de subsistência, além da gestão dos recursos naturais e proteção ao meio ambiente, visando ao desenvolvimento sustentável, particularmente das áreas rurais.

Objetivou-se, por meio deste projeto, conscientizar a

comunidade escolar sobre a importância da diversificação na produção agrícola, incentivando o manejo orgânico. Tal prática pode promover custos de produção mais baixos, além de melhorar a qualidade dos alimentos consumidos pelas famílias e apresentar um melhor aproveitamento da produção para comercialização, garantindo melhores ganhos na renda familiar.

Nessa perspectiva, a Escola organizou as turmas de pré-escolar ao 6º ano e desenvolveu ações distribuídas da seguinte forma: as turmas de pré-escolar, 2º ano e o 3º ano pesquisaram e trabalharam sobre os dez principais alimentos naturais essenciais à saúde; a turma do 5º ano fez um resgate das sementes crioulas através de um banco de sementes; as turmas de 1º e 4º ano dedicaram-se às ervas medicinais; a turma do

6º ano realizou oficinas de despola e de culinária com a polpa do açaí. Nas aulas de Língua Inglesa, abrangendo as turmas de pré-escolar ao 6º ano, retomou-se o projeto trabalhado em 2013 que visava promover a afeição dos educandos pela planta Palmeira Juçara.



ALIMENTAÇÃO À BASE DE AÇAÍ



Coordenados pela professora Chaiane¹, os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Demétrio Alves Fogaça, com idades entre 11 e 14 anos, participaram do projeto e desenvolveram as atividades pertinentes a ele no segundo bimestre de 2014.

Naquele ano, comemorou-se o Ano Internacional da Agricultura Familiar,

¹ Professora Chaiane da Silva

atividade que, além de contribuir para a qualidade da alimentação, proteção da agro-biodiversidade e o uso sustentável dos recursos naturais, é responsável por 70% dos produtos agropecuários que abastecem a mesa dos brasileiros. Diante desse cenário, a escola escolheu o tema para trabalhar em sala de aula, objetivando conhecer os impactos positivos da agricultura familiar para o planeta e para a economia e, também, valorizar a agricultura, pois a comunidade Roça da Estância é composta basicamente de agricultores que precisam ser valorizados e incentivados a seguir nesse ramo tão importante de produção.

Uma conversa, entre os docentes, sobre a importância de incentivar os/as educandos/as a permanecerem no campo foi o pontapé inicial para a realização do projeto. Numa abordagem interdisciplinar, a escola inteira se mobilizou e promovemos a discussão

sobre a importância da produção de alimentos de maneira orgânica, isto é, sem uso de produtos químicos.

Entre as atividades desenvolvidas, podemos destacar:

- a leitura do livro “Nina e os Passarinhos” em uma manhã de autógrafos com a autora;
- na disciplina de Português, a releitura da obra “Nina e os Passarinhos” levou os alunos a produzirem seus próprios textos e ilustrações, que foram, depois, transformados

em livro. Os conteúdos da disciplina - gêneros textuais, pontuação, ortografia e acentuação – puderam ser assimilados com muito mais significado;

- em Matemática, a partir da pergunta “Qual é a agricultura praticada por sua família?”, os alunos coletaram dados e construíram gráficos;
- em Ciências, as crianças refletiram sobre a importância da alimentação saudável, de bons hábitos alimentares e da importância de consumir



produtos sem agrotóxicos. Realizaram uma pesquisa sobre as técnicas agrícolas, adubação natural e agroquímica, a importância da conservação da natureza através da cadeia alimentar, compreendendo que o equilíbrio natural é de extrema importância para a conservação da vida no planeta.

- a disciplina de Língua Inglesa, através da participação da professora regente, foi aliada

e parceira durante o projeto.

A culminância do projeto deu-se com a participação dos alunos numa oficina de preparação de alimentos à base de açaí, com a orientação de uma nutricionista e apoio do Centro Ecológico. Novamente, além do destaque à importância de uma boa alimentação, foi possível trabalharmos medidas de massa em matemática e realizarmos o estudo de frações no momento de



medir as quantidades dos ingredientes. O estudo de ortografia de forma prática aconteceu quando os alunos copiaram algumas receitas.

Finalmente, o fechamento do projeto ocorreu na Mostra Pedagógica da escola. Os alunos apresentaram os resultados de seus trabalhos aos visitantes e, surpreendendo a todos, encerraram sua participação oferecendo suco e bolo de açaí produzidos por eles próprios. Ainda explicaram os passos das receitas utilizadas e também seu valor nutricional. Toda a comunidade visitante da feira aprovou o açaí que, após o projeto, passou a fazer parte do cardápio da merenda escolar.

CHÁS: CULTURA QUE
VEM DO POVO



Coordenados pelas
professoras Michelini e

Ângela, os alunos dos 1º e 4º anos iniciaram o projeto a partir da entrega do livro “Nina e os Passarinhos” realizada pela própria autora, com direito a um bate-papo e sessão de autógrafos. Durante os meses de agosto a dezembro, trabalhamos a interpretação do livro de forma oral, escrita e através de desenhos.

Como na comunidade de Roça da Estância já existia o costume de consumir chás caseiros, escolhemos trabalhar com ervas medicinais que são citadas com relevância no livro “Nina e os Passarinhos”. O objetivo foi repassar aos alunos esta cultura tão sábia e valiosa, reforçando sua importância. Escolhemos para título do subprojeto a frase “Chás: cultura que vem do povo”. Estudamos, assim, a cultura popular, o conhecimento que vem de geração em geração e, principalmente, os benefícios das ervas medicinais para a saúde e o bem estar do corpo

físico e mental.

No desenvolvimento do projeto, as turmas saíram a campo para visitar algumas hortas na comunidade. Além de tomarem conhecimento das variedades de ervas cultivadas, os alunos puderam questionar sobre os tipos e a utilidade de cada erva assim como os cuidados no preparo específico de cada espécie.

TURMA 1º ANO

- ordem alfabética;
- nome das ervas caseiras.

TURMA 4º ANO

- conscientização sobre a necessidade da preservação da biodiversidade local;
- entrevista com pessoas mais velhas sobre o uso dos chás;
- questionário investigativo sobre plantas medicinais.

Em outro momento, visitamos a sede da Farmácia Violeta, a farmacinha caseira de Roça da Estância, coordenada por

voluntárias da comunidade. Lá, as crianças puderam observar o preparo das ervas e questionar sobre o processo que envolve desde a secagem até à embalagem do produto.

TURMA 1º ANO

- quantidade de ervas que conhecemos;
- preparo das ervas;
- história do voluntariado no preparo das ervas caseiras.

TURMA 4º ANO

- conhecer as propriedades medicinais de diferentes chás;
- identificar os benefícios das plantas medicinais à saúde humana;
- reconhecer a forma correta da preparação dos chás;
- confecção de livrinhos sobre as ervas medicinais.

Durante o desenvolvimento do projeto, realizamos com os alunos a coleta de mudas de ervas caseiras e, usando material descartável (garrafa PET), plantamos essas ervas.



TURMA 1º ANO

- identificar e relacionar os nomes das ervas e seus benefícios;
- plantar cada muda de erva de forma adequada.

TURMA 4º ANO

- reconhecer a importância da preservação da água e das plantas medicinais para a comunidade;
- montar um espaço com garrafa PET para plantar mudas de ervas medicinais;
- organizar uma degustação com chás.

A culminância do projeto foi a participação dos alunos na II Mostra Pedagógica da escola com a dramatização do livro estudado “Nina e os passarinhos”. Essa atividade final foi ainda mais enriquecida, não bastasse o valor inestimável da apresentação das crianças, com uma exposição das ervas caseiras estudadas no decorrer do projeto e com a distribuição das mudas, carinhosamente cultivadas pelos alunos e professores, aos visitantes da feira.

OS DEZ ALIMENTOS MAIS SAUDÁVEIS

Sob a coordenação da professora Inês da Silva Borges, a turma do 2º ano participou de atividades expositivas sobre alimentação saudável visando à formação de hábitos alimentares mais benéficos, à promoção de melhores condições de saúde e melhor qualidade de vida. O projeto aconteceu de agosto a dezembro de 2014.

A turma do 2º ano trabalhou a pirâmide alimentar, utilizando todo o material disponível para pesquisar os alimentos que compõem cada seguimento da pirâmide. A importância de uma boa alimentação para uma vida saudável foi tema da discussão sobre o consumo consciente dos alimentos considerados os “mais gostosos”.

Nessa fase do projeto, foram desenvolvidas as seguintes atividades e conteúdos:

- escrita dos nomes dos alimentos;
- identificação dos alimentos/ frutas;
- gráficos das preferências alimentares da turma (Matemática);
- leitura e interpretação de textos informativos;
- valor cultural da alimentação (História): origem indígena, africana, etc.;
- identificação dos cuidados no preparo dos alimentos;
- higiene corporal antes da alimentação.

Para melhor visualização do conteúdo estudado, foram confeccionadas duas pirâmides: uma de madeira forrada com TNT onde os alunos colocaram figuras

dos alimentos, observando a classificação adequada; para a segunda pirâmide, foram utilizados alimentos trazidos pelos próprios alunos: frutas, verduras, cereais, etc. Com essa atividade, realizamos:

- adição e subtração/situação-problema utilizando o tema do projeto;
- recorte e colagem dos alimentos;
- confecção de pirâmide, recorte e pintura (Artes);
- conversa informal;

- confecção de duas pirâmides alimentares como ponto forte do projeto;

- produção textual.

No desenvolvimento das atividades, percebi que os alunos se identificaram com as propostas e se interessaram pelos trabalhos, sensibilizando-se com a reflexão sobre alimentação saudável.

A confecção e a exposição das pirâmides contribuiu para reforçar as informações nutricionais dos alimentos,



que já era do conhecimento dos alunos. Porém, ainda faltava a prática, o contato direto com os alimentos para que as crianças sentissem mais fortemente a necessidade de aplicar aqueles conhecimentos em sua rotina para mais qualidade de vida. Essas atividades foram apresentadas para a comunidade escolar na II Mostra Pedagógica da Escola.

RESGATE DE SEMENTES CRIOULAS

A turma do 5º ano, coordenada pela professora Lúcia Martins Selau, participou do momento de sensibilização para o projeto através da apresentação da história “Nina e os Passarinhos”. Durante essa atividade, que durou, aproximadamente, quatro horas, os alunos tiveram a oportunidade de ouvir a história contada pela própria autora Adriane Lipert Bittencourt. Ocorreu,

também, a distribuição de exemplares do livro aos alunos com direito a autógrafo. O projeto aconteceu de agosto a dezembro de 2014.

Com os livros em mãos e após sua leitura, seguiram-se as atividades:

- relato escrito, resumo da história com as próprias palavras;
- interpretação da história;
- pesquisa no dicionário de palavras desconhecidas;
- jogo da trilha, atividade extra no final do livro da Nina;
- relato oral das impressões que cada aluno teve ao ler a história.

Na sequência, realizamos uma entrevista com os pais dos alunos. Foram envolvidos 15 pais que responderam sobre os tipos de produção realizada em suas propriedades: quais produtos são para o consumo da família e quais são comercializados. Dentro dessa ação os alunos produziram:

- relato oral e escrito;
- montagem de gráficos com o resultado das entrevistas.

Observou-se que as famílias ainda têm dificuldade em diversificar a produção e ocupam grande parte da propriedade no cultivo de banana, aipim e maracujá. Por conta dessa constatação, desenvolvemos uma atividade com os pais dos alunos a fim de incentivá-los a diversificar sua produção. Foi, então, realizada uma palestra na escola com o apoio do Centro Ecológico. Procurou-se estimular a importância de se produzir de forma orgânica e diversificada, promovendo assim uma alimentação mais saudável e com menos custos para as famílias.

Dando seguimento ao projeto, visitamos a propriedade de um agricultor ecologista, Altemir da Silva, no Rio da Panela, uma das comunidades do município de Mampituba. Nessa ocasião, os alunos desenvolveram:

- entrevista com o morador;
- observação das variedades produzidas (foram encontradas mais de 25 espécies);



- distribuição de algumas sementes pelo dono da propriedade aos alunos.

Embasados nas informações adquiridas nessa etapa do projeto, em sala de aula os alunos desenvolveram atividades como:

- produção de textos;
- problemas, envolvendo a educação financeira: quanto poderíamos economizar se produzíssemos nosso próprio alimento. Cálculos orais e escritos, baseados no valor dos alimentos e dos produtos consumidos nas famílias dos alunos;
- medidas de capacidade e massa;
- sistema monetário brasileiro;
- participação dos alunos na feira da biodiversidade em Três Cachoeiras. Ali, os alunos foram desafiados a coletar sementes no local e nas famílias dentro e fora do município, para organizar um banco de sementes na sala

de aula.

A realização de uma oficina, em sala de aula, para mostrar como as sementes devem ser conservadas e embaladas contou, mais uma vez, com o apoio do Centro Ecológico através da assessoria do Sr. Belé. Dentro desse tema, estudou-se sobre:

- como surgimento a agricultura no Brasil;
- primeiros produtos produzidos aqui;
- origem de algumas sementes;
- diferentes técnicas e tecnologias que transformam a vida no campo;
- pontos positivos e negativos da introdução de novas tecnologias;
- monocultura como uma das causas que mais contribuiu para que as famílias parassem de produzir para seu próprio consumo;
- importância de uma alimentação saudável;

- cuidados com o solo e o meio ambiente.

Juntamente com a professora e a turma do 6º ano e também com a professora de Inglês, organizamos uma visita à Escola Agrotécnica de Santa Rosa/SC para conferir, na prática, técnicas de produção de mudas, canteiro com cobertura do solo e composteira para a fabricação de adubo orgânico.

O ano de 2014 foi especial, pois conseguimos um bom envolvimento de todos

os alunos nas atividades do projeto. Além disso, a participação das famílias trouxe novas perspectivas de trabalho e, diante das necessidades elencadas, surgiram cursos para a formação de agricultores interessados em desenvolver técnicas de agricultura ecológica, produção e comercialização de alimentos. A escola, com apoio e suporte teórico do Centro Ecológico, acolheu os pais e mães interessados nessa forma de produção e, hoje,



existem cerca de 50 famílias engajadas ativamente nesse sistema. Como consequência, já foi possível observar que a variedade de produtos cultivados também aumentou bastante.

O encerramento do projeto ocorreu com a participação dos alunos na Mostra Pedagógica da escola. Durante essa feira, eles tiveram a oportunidade de expor os trabalhos desenvolvidos ao longo do ano e distribuíram as sementes, arrecadadas por eles, aos participantes, dessa forma incentivando a diversidade na produção.

PLANTANDO JUÇARA, COLHENDO AÇÕES



Coordenadas pela professora Vanessa Pereira Colombo, as turmas de pré-escolar ao 6º ano realizaram, durante as aulas semanais de inglês, o subprojeto “Plantando

Juçara, colhendo ações”. Dentre as ações realizadas, podemos destacar quatro que apresentaram maior significado.

A primeira marcou a retomada do projeto de 2013 com a reconstrução do viveiro, limpeza e reorganização das mudas de palmeira juçara que sobreviveram do ano anterior. Também melhoramos o “Cantinho da juçara” com a construção de uma estradinha e o plantio de juçara na beira do caminho.

Essa atividade durou três semanas e contou com a participação de todas as turmas. O “Cantinho da juçara” era, na verdade, um cantinho da horta da escola que se transformou em um laboratório. Ali, colocamos a mão na massa e produzimos novas mudas.

Na primeira semana, as turmas dos 5º e 6º. anos, por serem maiores, ficaram responsáveis pela reconstrução do viveiro, que durou uma manhã. Durante a aula de inglês desse



dia, os alunos dessas turmas foram até ao “Cantinho da juçara” e, juntos, projetaram o viveiro, distribuíram as tarefas e, aqueles que tinham mais habilidades de construção, permaneceram ali enquanto os demais retornaram para a sala de aula.

No final da manhã, toda a turma retornou ao “Cantinho da juçara” para celebrar a reconstrução do viveiro. Os materiais utilizados foram taquara, arame e telinha. As turmas de pré-escolar ao quarto ano, cada uma na sua

aula, realizou a limpeza e a reorganização das mudas antigas. Nas duas semanas seguintes, as turmas construíram a estradinha com pedras nas laterais e areia no meio e realizaram o plantio de mudinhas de juçara no entorno da estradinha.

O grande objetivo do projeto era criar um vínculo afetivo entre os alunos e a planta palmeira juçara, conhecida na região como “ripeira” ou “ripeira do mato”. A decisão por adotar a juçara como nossa protegida se deu por



alguns motivos. Primeiro, ela é uma planta nativa na região e tem presença marcante na comunidade, ou seja, no dia a dia dos alunos. Segundo, fornece palmito de excelente qualidade, por isso seu corte clandestino se dá com frequência o que pode ser preocupante no futuro. Por fim, produz o açaí, fruto pouco conhecido e pouco aproveitado pelas famílias da comunidade, que desconhecem seu riquíssimo poder nutritivo, bem como a maneira de preparar e utilizar a polpa de açaí na alimentação.

Concomitante às ações práticas, aconteceu o estudo dos conteúdos pertinentes a cada nível de ensino. Com a turma do pré-escolar, por exemplo, trabalhamos a cor “green” relacionando com a palmeira juçara. Os alunos produziram desenhos sobre as ações desenvolvidas e apresentaram para a turma enfatizando a pronúncia da palavra “green”.

Com a turma do 1º ano, o trabalho girou em torno das “colors”, relacionando-as com a palmeira juçara. Os alunos produziram desenhos sobre as ações realizadas e nomearam todas as cores utilizadas na pintura feita com tinta guache. Após finalizados, os desenhos foram apresentados para a turma e praticamos a pronúncia das cores estudadas.

Com a turma do 2º ano, foi a vez dos “numbers”. Os alunos realizaram a contagem das mudas de juçara recuperadas e plantadas na estradinha. Na sala de aula, produziram um relatório através de desenhos com a numeração das mudas em inglês. Em seguida, esses relatórios foram apresentados para a turma e, aqui também, praticamos a pronúncia dos números.

A turma do 3º ano realizou a classificação e etiquetagem das mudas de juçara utilizando os adjetivos “big” ou “small” estudados em aula. Na parte oral, realizaram a contagem,

em inglês, do número de mudas “big” e a quantidade de mudas “small”.

A turma do 4º ano relacionou o estudo das expressões “I like...” e “I don’t like...” com as ações sobre a palmeira juçara na produção de frases. A atividade ocorreu de forma escrita e oral. A produção frasal se deu com o vocabulário conhecido pelos alunos. Como exemplo, citamos as frases: “I like green”, “I like plants”, “I don’t like bad men”.

A turma do 5º ano estudou as estações (“seasons”) em inglês, relacionando-as ao ciclo de desenvolvimento da palmeira juçara.

A turma do 6º ano produziu mini-textos, formados de frases curtas e simples, utilizando o verbo “to be” para descrever a palmeira juçara e as atividades desenvolvidas. Algumas frases - “Palmeira Juçara is a beautiful plant. It is tall and slim. I like Palmeira Juçara” – exemplificam



o trabalho dos alunos que, ao unirem a vivência prática do cuidado com a palmeira e o aprendizado na disciplina de inglês, acabaram por ressignificar sua aprendizagem.

Quando se trabalha com projetos, o resultado nem sempre é imediato, principalmente com crianças. Às vezes, a sementinha é colocada na terra e precisa de tempo para desabrochar e transformar o seu entorno. Porém, quando as crianças são envolvidas nas atividades,

seus rostos se iluminam com alegria e elas querem participar ativamente de tudo e cuidar da palmeira. Os primeiros passos estão sendo dados e, nos corações desses meninos e meninas, começa a se desenvolver um sentimento especial para com a até então estranha palmeira juçara.

A segunda ação foi a oficina de produção de mudas de palmeira juçara com o Sr. Belé, instrutor do Centro Ecológico e parceiro da educação. A oficina realizou-

se na escola para as turmas de 5º e 6º. anos e três representantes das turmas de pré-escolar ao 4º ano. No final da oficina, as mudas produzidas foram dispostas no viveiro revitalizado. Na semana seguinte, cada trio de alunos que participou da oficina de mudas repassou os conhecimentos vivenciados para suas turmas. Com o seguimento do projeto, as turmas iniciaram a produção de novas mudas de juçara, bem como o cuidado com as mesmas.

Tais atividades desenvolveram-se até ao final do ano letivo. Após a realização da oficina, as turmas prosseguiram, de forma sistemática, produzindo novas mudas, cuidando delas e realizando a manutenção do viveiro no “Cantinho da juçara”. Toda semana, alguma turma dedicava-se ao projeto na aula de Inglês, e foi organizado um cronograma para que todos participassem dele sem, no entanto, abdicar das aulas de língua estrangeira. Os

conteúdos estudados na aula sempre eram relacionados com a juçara e com o cuidado e respeito à natureza, desde o vocabulário à produção de frases e pequenos diálogos.

A ideia central do projeto continuou sendo a de desenvolver a relação afetiva entre os alunos e a juçara, apostando-se na proximidade entre ambos, pois só se ama e respeita aquilo que se conhece. Deste modo, a produção das mudas incentivou essa nova relação com a planta, e seu armazenamento na escola, com a finalidade de plantá-las no pátio quando estivessem prontas, aumentou o cuidado das crianças.

Com o passar do tempo, observou-se o quanto as crianças gostavam de estar no “Cantinho da juçara” e sentiam falta disso quando não era a vez de sua turma. Gradativamente, um sentimento particular pela juçara passava a fazer parte do contexto escolar.

Em parceria com as professoras dos 5º e 6º anos, desenvolvemos a terceira ação do projeto. Visitamos o Instituto Federal de Santa Catarina em Santa Rosa, SC, para conhecer a instituição e, principalmente, a forma como funcionários, professores e alunos desenvolvem suas atividades promovendo o respeito e a preservação da natureza. A visita teve duração de um dia e mostrou aos nossos educandos uma realidade diferente da habitual, pois puderam conhecer uma escola federal e entrar em contato com novas experiências. Uma curiosidade interessante é que o guia da visita foi um aluno do Instituto que pertence à comunidade dos alunos, o que deu ao encontro um clima bem familiar. Todos os alunos mostraram-se bem atentos e curiosos aos detalhes, principalmente nos diferentes tipos de viveiros, mudas e experimentos produzidos e cuidados pelos alunos e professores.

Como fechamento das ações, realizou-se a colheita do açaí para a realização da oficina de despulpa coordenada pelo Sr. Belé. Essa atividade ocorreu em uma manhã na escola. Inicialmente, alguns alunos da turma do 6º ano, acompanhados pela professora, realizaram a colheita de dois cachos de açaí doados pelo Sr. Malaquias Klein. Com o açaí na escola, a turma do 1º ano debulhou os cachos e fez a primeira lavagem. Em seguida, as turmas de pré-escolar, 2º e 3º anos também participaram da segunda lavagem, deixando o açaí de molho.

Com o açaí no ponto, iniciou-se a despulpa propriamente dita. Os alunos dos 4º, 5º e 6º anos é que colocaram a mão na massa, auxiliando o Sr. Belé. As outras turmas participaram como espectadores. Todos ficaram encantados ao ver o caldo roxo escorrer da máquina.

A escola toda participou da oficina e, assim que foi

produzido, o suco de açaí e limão, feito pela merendeira Zanete, foi servido e ganhou a garotada, que aprovou o sabor e finalizou a oficina de “bigode” roxo.

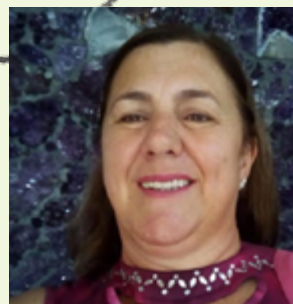
Uma parte das sementes sem polpa, resultado da oficina, foi distribuída entre alunos e professores para produzirem suas mudinhas em casa. A outra parte foi colocada para germinar no “Cantinho da juçara”. A polpa produzida foi armazenada para ser utilizada na oficina de receitas

idealizada pela professora Chaiane e a turma do 6º ano.

No final do ano letivo, o projeto foi apresentado à comunidade escolar na Feira de Mostra Pedagógica. Todos tiveram acesso às ações desenvolvidas através da apresentação das fotos legendadas em “slides”, degustaram suco e bolo de açaí e tiveram a oportunidade de levar para casa uma mudinha de juçara e continuar o cultivo desse amor em outras terras.



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO JORGE



Dinara Borges Carlos



Renata Policarpo
Hendler Borges



Lucinéia Boff Pinto



Elaine Magnus
Schwanck

Educadoras



Silvia Boff Pinto

ESCOLA CARBONO ZERO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental São Jorge, localizada na comunidade de Morro do Forno no município de Morrinhos do Sul, RS, vem desenvolvendo Projetos em Educação Ambiental em parceria com a ONG - Centro Ecológico desde o ano de 2007. Já realizou projetos sobre Aquecimento Global, Consumismo e, em 2012, recebeu o título de Escola Carbono Zero.

No ano de 2014, desenvolvemos o projeto “Vivenciando valores: comida local, saúde coletiva”. Como metodologia de trabalho, utilizamos e realizamos entrevistas, palestras, oficinas de culinária, confecção de livro de receitas, participação com exposição de trabalhos na Feira da Biodiversidade¹ e plantio na horta escolar.

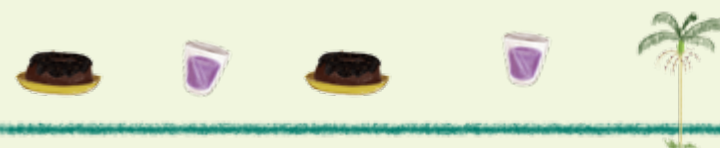
Primeiramente, dois

produtores da comunidade, Sr. Jorge e Sra. Zenilda, vieram à escola e mostraram aos alunos alguns produtos

cultivados por eles: gengibre, açafrão, ginseng, araruta, batata cará, inhame, batata doce.

APÓS ESSA APRESENTAÇÃO, FORAM REALIZADAS DIVERSAS ATIVIDADES, ENTRE AS QUAIS DESTACAMOS AS SEGUINTE:

- os alunos do 6º ano pesquisaram sobre “alimentos industrializados: aditivos alimentares e seus efeitos no organismo”;
- os pais assistiram a uma palestra na escola sobre a valorização da comida local menos processada e, como consequência, seus benefícios à saúde coletiva²;
- com a colaboração de mães, tias e avós dos alunos, realizamos uma oficina de culinária com alimentos sem aditivos utilizando ingredientes pouco usuais, mas muito nutritivos: biscoito de araruta, pão de milho com batata cará e nega maluca de feijão.



¹ Evento realizado anualmente pelo Centro Ecológico, em parceria com o MMC (Movimento de Mulheres Camponesas) desde 2001.

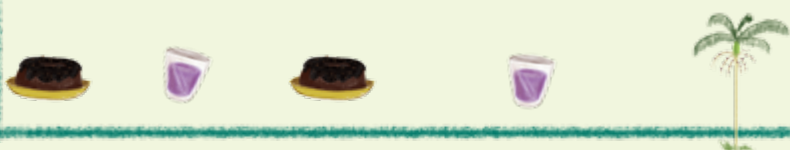
² Palestra proferida por Ana Luiza Meirelles, agrônoma do Centro Ecológico.



- auxiliados pelas professoras, os alunos fizeram suco de açaí, biscoito de araruta, bolacha caseira e chimia de queijo, os quais foram expostos na 12ª Feira da Biodiversidade. Além disso, foram distribuídos panfletos com as receitas e com o resultado da pesquisa;

- os pais assistiram à palestra de Carin A.C.M. Primavesi sobre o tema “Educação de crianças e jovens: podemos ser mais bem sucedidos no mundo atual?”- as crianças confeccionaram livretos com receitas de chás diversos e também com outras receitas, cujos ingredientes são produzidos na comunidade;

- sob a supervisão e orientação do Sr. Jorge, os alunos participaram do plantio da horta da escola.



Este projeto, cujo objetivo principal era incentivar as famílias dos alunos a consumirem alimentos mais saudáveis produzidos na própria comunidade e no município, envolveu toda a comunidade escolar. Os resultados dos trabalhos desenvolvidos foram altamente positivos e, no

primeiro semestre de 2015, os produtos da horta começaram a ser colhidos e incorporados à merenda escolar.

Pretendemos continuar com diversas atividades relacionadas à Educação Ambiental, pois acreditamos ser essa a única forma de aprendermos e ensinarmos

que nós, seres humanos, não somos os únicos habitantes deste planeta, que não temos o direito de destruí-lo, pois, assim como herdamos a terra de nossos pais, devemos cuidar dela e preservá-la para as próximas gerações.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO JORGE

Morro do Forno, Morrinhos do Sul – RS

DIRETORA: Elaine Schwanck da Silva

PROFESSORAS:

Dinara Borges Carlos

Lucinéia Boff Pinto

Renata Policarpo Hendler Borges

Sílvia Boff Pinto



ESCOLA FERNANDO FERRARI



Aline Brambila
Nascimento Schwanck



Carem da Silva Mengue

Educadoras



Janine Euzébio Lumertz Hahn

PROJETO COSTURANDO SABERES

Carem da Silva Mengue

Ser professor alfabetizador compreende estar sempre analisando, avaliando e aplicando práticas pedagógicas que agreguem significado à aprendizagem. Na Escola Fernando Ferrari, Três Cachoeiras, RS, onde atuo como docente do 1º ano do Ciclo de Alfabetização, a interdisciplinaridade norteia muitos dos trabalhos pedagógicos realizados. Assim, buscamos desenvolver projetos que envolvam toda a comunidade escolar, ofertando possibilidades de aprendizagem e de interação no ambiente em que vivem os alunos e suas famílias.

Desta forma, dentro do Projeto da Escola Municipal Fernando Ferrari intitulado “Costurando Saberes”, que faz um resgate dos 60 anos da Escola, destaco o trabalho desenvolvido através do

livro “Nina e os Passarinhos” juntamente com a história “O carteiro chegou” de Allan Ahlberg. Nina já é um personagem vivo para as crianças, pois, desde o ano anterior (pré-escola), conheciam a personagem que, através de mãos artesanais, visitou as casas dos mesmos com a Sacola Literária.

Dando continuidade às atividades com essa história, realizei com a turma uma pesquisa sobre árvores frutíferas. Marcamos, também, o dia da fruta, em que cada criança traria a sua para partilharmos em um piquenique semanal, sempre dando destaque à importância das frutas da época e de seus benefícios à saúde (bananas, laranjas, bergamotas, carambolas e acerola foram os destaques do estudo porque foram as

frutas que as crianças traziam e/ou tinham em seus quintais).

Numa dessas ocasiões, com o propósito de promover a criatividade dos pequenos, provoqueei-os a criarem pratos decorativos com as frutas ofertadas: kiwi, abacate, mamão e uvas.

Após a degustação, os alunos conheceram o famoso quadro de Tarsila do Amaral “O vendedor de frutas” e fizeram a releitura dessa obra.

Em outro momento, associamos “Nina e os passarinhos” à história “O carteiro chegou”, de Allan Ahlberg. Esta encantou os pequenos, pois articula em seu enredo vários contos de fadas conhecidos e muitos gêneros utilizados no meio social. A ligação das histórias deu-se com o questionamento: Onde a Nina mora? Qual seu endereço? Considerando que a alfabetização não é apenas uma compreensão da língua escrita, mas, sim,





necessidade para a vida, procurei dar destaque aos gêneros textuais presentes no livro.

Além disso, apresentei às crianças o aplicativo “GOOGLE MAPS” e suas funções, pois concordamos com Pires quando afirma que:

“ É multiplicando suas experiências sobre os objetos do espaço em que vive que a criança vai aprender e, desse modo, construir uma rede de conhecimentos relativos à localização, à orientação, que vai permitir a ela penetrar no domínio da representação dos objetos e, assim, se

distanciar do espaço sensorial ou físico.”

(PIRES,CURI e CAMPOS, 2000, p.30).

Foi emocionante ver o entusiasmo das crianças ao ‘visitarmos’, virtualmente, a TAJUVAS bem como todas as casas de nossos alunos. Após, criamos o nosso próprio mapa. Utilizei ainda a música “Todas as coisas têm nome”, de Chico Buarque, provocando os pequenos a associarem nomes e sobrenomes aos nomes de ruas.

Destaco essa prática, pois é necessário dialogar ludicamente com as diferentes áreas do conhecimento e com as diferentes linguagens artísticas, bem como com a linguagem tecnológica. As crianças descobriram que muitos dos locais onde moram recebem nomes diferentes daqueles pelos quais estão habituados a se referir.

Outras atividades foram desenvolvidas, ampliando a aprendizagem e valorizando

o ambiente em que vivemos como sabiamente NINA nos ensina.

Finalmente, podemos afirmar que um projeto como este certamente contribui para que ocorra a plena alfabetização das nossas crianças, que se sentem motivadas a aprender e provocadas a buscar sempre mais conhecimento.





“LUGARIZANDO”* O CONHECIMENTO A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL: NINA E OS PASSARINHOS RINHOS.

Aline B. N. Schwanck e Janine E. Lumertz Hahn

Este trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal Fernando Ferrari, localizada na BR101, comunidade de Vila Fernando Ferrari em Três Cachoeiras, RS, pelas professoras Aline Brambila Nascimento Schwanck do pré-escolar (educação infantil) e Janine Euzébio Lumertz Hahn do 2º ano (anos iniciais) no ano de 2014.

O momento em que vivemos, atualmente, exige mudanças a respeito da nossa maneira de pensar, de ser e de agir no ambiente em que estamos inseridos. Para garantir a sobrevivência de todos os seres vivos, necessitamos desenvolver uma consciência planetária e perceber que dependemos uns dos outros para sobreviver.

A escola, sozinha, não

resolve todos os problemas da sociedade, mas, desenvolvendo um “espírito ecológico e social” desde a primeira infância, pode contribuir para um mundo mais consciente no futuro.

A partir de um projeto maior desenvolvido pela escola Fernando Ferrari - “Valorizando para transformar”, as turmas do Pré-escolar e do 2º ano uniram-se para trabalhar a consciência ambiental a partir de assuntos da sua realidade local. O objetivo principal era levar os alunos a valorizarem o ambiente à sua volta para nele atuarem de forma crítica e consciente.

Acreditamos que, para dar sentido à aprendizagem, é preciso tocar o coração das crianças e, para isso,

nada melhor do que partir da literatura infantil, tão acessível e significativa para elas. Resgatamos, então, uma personagem “viva” no imaginário infantil dos nossos pequenos e capaz de transformar muitas realidades ao seu redor: “Nina e os passarinhos” da professora e escritora Adriane Lipert Bittencourt, com a coordenação editorial do Centro Ecológico. Esse livro maravilhoso encantou e fez brilhar os olhos de muitas crianças e de suas famílias, atuando como pano de fundo na aprendizagem escolar e em muitas ações tomadas na escola.

Como a história “Nina e os Passarinhos” está ambientada em uma localidade muito próxima à nossa, ou melhor, ela se passa na nossa região, na localidade de Tajuvas, os alunos puderam sentir, pensar, aprender e até transformar o seu lugar. Quando a construção do

conhecimento parte de algo que as crianças vivenciam e conhecem, torna-se muito mais fácil aprender. “Nina e os passarinhos” permitiu que nossos alunos lugarizassem sua aprendizagem. Segundo HAHN:

“Lugarizar é fazer o aluno se sentir pertencente ao seu lugar, compreender que ele tem poder de atuação sobre esse espaço e que ele é agente construtor e transformador do lugar no qual está inserido(...) Se este aprender admirar o que é seu, enxergará as belezas que estão além da sua aldeia, mas não deixará de valorizar e cuidar o que faz parte do seu lugar.” (pág.43, 2014).

Partindo dessa ideia, uma rede de aprendizagens foi sendo tecida e, para tecer essa rede, as trocas entre família e



Foto 1



Foto 3

escola foram essenciais.

Inicialmente, como atividade de sensibilização, todos os alunos foram convidados a participar de uma CAÇA AO TESOURO. Pistas (as peças de um quebra-cabeça que, uma vez pronto, formava a capa do livro “Nina e os passarinhos”) foram espalhadas pela escola. O tesouro era um exemplar do próprio livro que foi dado a cada aluno após a contação da história pelas professoras,



Foto 2

conforme mostram as fotos 1, 2 e 3. As crianças ficaram encantadas com o tesouro (livro), o qual serviu de ponto de partida para muitas atividades que dessem sentido e empolgação à aprendizagem.

Na sequência do projeto, desenvolvemos a ideia da SACOLA LITERÁRIA E DA BONECA NINA. A sacola literária, que um aluno de cada vez levava para casa, continha o livro “Nina e os Passarinhos”, uma boneca de pano Nina, um passarinho de pano (foto 4), revistas e folhetos informativos sobre hortas domésticas, alimentos orgânicos, os benefícios do açaí, além de outros folhetos referentes aos cuidados com o meio ambiente. A sacola

incluía, ainda, um diário de bordo para que a família do aluno registrasse como havia sido a visita da Nina na casa, como o filho-aluno cuidara dela e os aprendizados a partir da visita da sacola literária. Cada aluno ficava dois dias com a sacola literária em sua casa e, passado esse prazo, devia trazê-la de volta à escola para que se sorteasse outro coleguinha que repetiria a experiência.

Essa atividade foi muito gratificante, pois os relatos dos pais foram surpreendentes. A tomada de atitude das crianças frente às questões ambientais e em relação a mudanças de alguns hábitos foram a prova de que o aprendizado pode ultrapassar as paredes da escola e da própria sala de aula. Muitos pais identificaram-se com a família descrita na obra “Nina e os passarinhos”, pois a



Foto 4

maioria deles trabalha na agricultura. Esse livro tocou o coração dos alunos e o das suas famílias.

Além da sacola literária, o livro “Nina e os passarinhos” abriu um leque de assuntos e atividades para serem trabalhados em sala de aula. Na turma do 2º ano da professora Janine E. Lumertz Hahn, os alunos, juntamente com as famílias, fizeram pesquisas sobre ervas medicinais. Cada família enviou algumas amostras de chás e um pequeno texto descrevendo a importância daquele chá para a saúde. A partir daí, cada aluno confeccionou um livreto sobre os chás da nossa região. Utilizando folhas de ofício recicladas, as crianças colaram folhas da erva medicinal/chá, descreveram a sua indicação para a saúde e, ainda, ilustraram as páginas do livreto com desenhos criativos como mostra a foto 5.

Nessa mesma turma, duplas de alunos também

confeccionaram jogos de trilha baseados no livro “Nina e os passarinhos” empregando materiais recicláveis. Com esse jogo, colocaram em prática conceitos matemáticos aprendidos como composição do número, adição e subtração. Eles mesmos confeccionaram a trilha, que iniciava na casinha da Nina, feita com uma caixinha de papelão vazia, passava por algumas bananeiras e árvores feitas com rolinho de papel higiênico e papelão e terminava numa escola feita de caixinha, que era a Escola Fernando Ferrari (escola onde eles estudam). Os alunos também escolhiam o número inicial e o número final da trilha; alguns fizeram de 10 em 10, outros de 100 em 100. Também escreviam, em algumas partes da trilha, quantas casas teriam que voltar ou avançar, sendo que, ao voltar, eles estariam utilizando o conceito de subtração e, ao avançar, a adição.

Nesta mesma perspectiva, na turma do pré- escolar da professora Aline B. N. Schwanck, surgiu o trabalho de pesquisa sobre os pássaros da nossa região.

A partir do interesse dos alunos pelos passarinhos “amigos” da Nina, uma PESQUISA foi enviada para as famílias. Solicitou-se que os pais escrevessem o nome dos pássaros que conheciam, quais os que eles



Foto 5

costumavam avistar e que agora haviam desaparecido, e quais seriam as causas desse desaparecimento.

Listamos, então, o nome dos passarinhos em um cartaz na sala de aula e, a partir daí, muitas atividades foram sendo desenvolvidas: leitura e escrita dos nomes dos pássaros, bingo de letras e de palavras relacionadas aos passarinhos, glossários, entre outras que possibilitaram aos alunos a apropriação do conhecimento.

Cada aluno escolheu um pássaro para ser estudado e, mais uma vez, os pais foram convidados a participar da aprendizagem de seus filhos. Feita a escolha, as crianças foram para o laboratório de informática pesquisar sobre o pássaro selecionado. Um roteiro com instruções sobre a apresentação do trabalho foi enviado para casa para que os pais auxiliassem o filho-aluno na pesquisa e na apresentação dos resultados para os colegas.

Os alunos e seus pais deveriam confeccionar um cartaz com desenhos, fotos ou recortes e escrever o nome do pássaro, seu hábitat, seus hábitos alimentares, sua reprodução, suas cores, seu canto e peculiaridades de cada espécie. Além disso, os pais teriam que orientar os filhos com relação à apresentação do cartaz para os seus colegas.

Foi um sucesso!!!! E, além de tudo, foi muito gratificante ver alunos tão pequenos, ainda não alfabetizados (no caso do pré-escolar) falando termos como macho e fêmea, “os pássaros são dispersores de sementes”, etc. e apresentando oralmente o trabalho para os colegas com tanta desenvoltura (fotos 6 e 7).

Acreditamos que só valorizamos aquilo que conhecemos e, principalmente, quando percebemos a real importância e utilidade desse conhecimento em

nossas vidas. Desta forma, cremos que, no futuro, esses alunos preservarão ainda mais os pássaros, as árvores, terão hábitos mais alternativos, sustentáveis e saudáveis, pois o

conhecimento foi construído a partir do lugar onde eles vivem, da sua realidade. Em outras palavras, lugarizando o conhecimento ficou muito fácil de compreender o que estava sendo falado e a aprendizagem aconteceu de forma muito significativa.



Foto 6



Foto 7

Os pais mais uma vez se superaram, pois os cartazes foram feitos com muito capricho e criatividade. Até dobraduras de pássaros foram feitas para serem distribuídas aos colegas, assim como maquetes foram construídas para melhor visualização do trabalho que estava sendo apresentado. Por isso, podemos dizer que a participação dos pais foi importantíssima na construção dos conhecimentos dos seus filhos-alunos e, por ser um assunto tão próximo da sua realidade, facilitou ainda mais

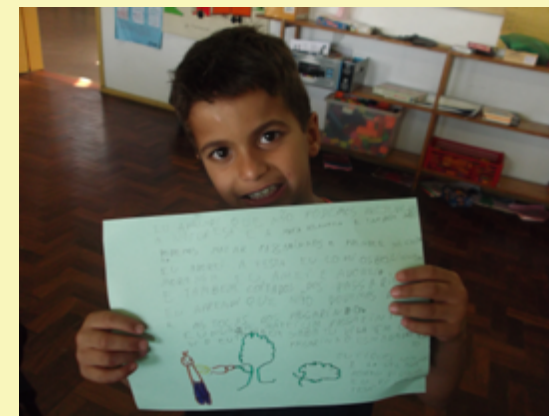
o entendimento daquilo que estava sendo estudado.

Nesse contexto de preservação ambiental, várias atividades utilizando lixo reciclável foram realizadas com os alunos: flores de papelão com miolo de tampinha PET, casinha de passarinhos com embalagem de leite e papelão, passarinhos de papelão e caixinha de leite, móveis com passarinhos e galhos de árvores secas, pinturas com pincéis diferenciados (rolhas, esponjas, escova de dentes, garrafas PET).



Todos os trabalhos realizados por estas turmas sobre a obra “Nina e os passarinhos” foram apresentados e expostos em uma **MOSTRA DE TRABALHOS** especial para os pais desses alunos, com o apoio da equipe diretiva e das funcionárias da cozinha que prepararam deliciosos bolos e biscoitos caseiros e chás. Contamos, também, com as presenças ilustres da autora do livro, professora Adriane Lipert Bittencourt, e da agrônoma e representante do Centro Ecológico, Ana Luiza Carvalho Barros Meirelles. Nessa ocasião, a autora encantou pais e alunos com suas palavras sobre o livro “Nina e os passarinhos” e, em seguida, autografou o exemplar de cada aluno (fotos 8, 9 e 10). Nessa mesma oportunidade, os alunos apresentaram uma linda dramatização da história, organizada pela professora Aline do pré-escolar.

Para finalizar, como forma de reflexão e avaliação do projeto realizado, os alunos escreveram um relato sobre



tudo o que aprenderam com os trabalhos desenvolvidos.

“Nina e os passarinhos” possibilitou aos alunos, professores e famílias construir muitos conhecimentos e aprendizagens que ficarão para sempre em seus corações.

Referência:

HAHN, Jussê Bittencourt.
As relações do ensino
de geografia com os
arredores da escola: como
o lugar de vivência do aluno
pode potencializar sua
aprendizagem. Dissertação
(mestrado em Geografia) –
Programa de Pós-Graduação
em Geografia, Universidade
Federal do Rio Grande do Sul
– UFRGS, Porto Alegre, 2014.

ESCOLA MUNICIPAL DE
ENSINO FUNDAMENTAL
FERNANDO FERRARI.

PROFESSORAS:

Aline B. N. Schwanck
Janine E. Lumertz Hahn

TURMAS ENVOLVIDAS:

Pré E 2º ano.



ESCOLA LUZIA RODRIGUES



Cheila Aguiar Magnus

Educadoras



Aline Borba Gonçalves Lumertz



Marta Benck Becker

CONSUMO RESPONSÁVEL E RESPEITO À DIVERSIDADE

Cheila Aguiar Magnus

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Luzia Rodrigues está localizada na comunidade de Hilários, no município de Dom Pedro de Alcântara, e atende em torno de 78 alunos da Educação Infantil ao 6º ano.

Na realização de nosso trabalho pedagógico, acreditamos fortemente que o ensino e a aprendizagem ocorrem no movimento entre conhecer algo novo e aplicar o novo conhecimento. Concordamos, também, com Paulo Freire quando diz que ‘Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção’. Nesse sentido é que procuramos desenvolver nossa prática educacional, sempre aprendendo e ensinando e aprendendo.

Foi assim que iniciamos

o projeto “CONSUMO RESPONSÁVEL E RESPEITO À DIVERSIDADE: ABRAÇAMOS O PLANETA, SEM OLHAR AS NOSSAS DIFERENÇAS” cujo objetivo central era mostrar às crianças que todos nós podemos ser responsáveis pelas mudanças que desejamos, tanto no nosso bairro quanto na nossa vida, sejam elas grandes ou pequenas.

O fato desencadeador desse trabalho foi a experiência super positiva que tivemos no ano de 2013, durante a Feira do Livro do município de Torres. Ali, tivemos a oportunidade de assistir a uma peça teatral do grupo “Cuidado Que Mancha” e, sensibilizadas pela mensagem transmitida, pesquisamos na Internet e descobrimos que esse grupo é ligado ao Projeto “Muda Mundo”. Entusiasmadas com o que vimos, solicitamos o

material (livros e CDs) através do site e nos apaixonamos pelo personagem João e suas histórias.

PRIMEIROS PASSOS

Para apresentarmos o personagem João aos alunos das turmas do 4º ao 6º ano, confeccionamos um boneco de pano de aproximadamente 50 cm para cada turma e realizamos uma dinâmica em que os alunos receberam de presente uma caixa grande com os bonecos “João” e uma mensagem para que saíssem à procura de um presente. O presente era outra caixa grande, que estava escondida no pátio da escola, contendo um espelho e uma mensagem de motivação para os alunos.

Em seguida, cada professor, em sua sala de aula, iniciou a contação das quatro histórias do personagem João: “Tudo começa em casa”, “Tedê, o quê?”, “Ai, que nojo!” e “No bairro”. Essas histórias envolvem temáticas como

família, escola (com ênfase em déficits cognitivos e discriminação), separação do lixo, todas apresentando João que tem o firme propósito de mudar o mundo. Na quarta história, especificamente, João percebe que, para transformar o bairro onde mora num lugar melhor para se viver, é preciso contar com a participação de outras pessoas. É preciso unir forças com seus amigos, formando parcerias.

Assim, com esse objetivo, envolvemos os alunos em uma proposta de ação que lhes possibilitasse demonstrar, em situações práticas, as habilidades e os conhecimentos adquiridos neste projeto.

CAMINHO PERCORRIDO

As crianças já estavam tão engajadas no projeto que foi muito natural passar às etapas seguintes e conseguir que participassem

com entusiasmo. Abaixo, descrevemos quais e como foram desenvolvidas as atividades:

1. Pesquisa com perguntas objetivas sobre preconceito e consumismo, elaborada pelas professoras e aplicada pelos alunos junto às famílias.

A pesquisa foi encaminhada aos pais para ser respondida pela família em um momento em que todos pudessem estar reunidos. Coletamos os dados da pesquisa e fizemos a leitura em sala de aula com os alunos. A elaboração dos resultados em gráficos (pizza e colunas) aconteceu nas aulas de informática, pelos alunos, e os gráficos foram expostos nos murais da escola.

2. Encontros sobre diversidade em sala de aula com a psicóloga da Escola, Rejane Rodrigues. Essa atividade foi desenvolvida com os alunos sem a participação dos professores das turmas a fim de que as crianças ficassem mais à vontade para falar sobre

seus sentimentos e fatos da sala de aula. Esses encontros aconteceram uma vez por semana no decorrer do ano letivo. Durante esse período, a psicóloga nos transmitia algumas informações para que soubéssemos lidar com os diferentes tipos de alunos, seus interesses e suas necessidades psicológicas. Esse trabalho conjunto possibilitou a identificação de alguns casos que foram encaminhados ao conselho tutelar. Muitos assuntos, porém, ficaram restritos ao grupo, numa cumplicidade bacana entre os alunos e a psicóloga.

3. Sacola literária com livros, revistas, folhetos, histórias em quadrinhos sobre meio ambiente e caderno de registro para a família. Adotamos a sacola literária com o objetivo de proporcionar um momento de leitura e união entre as famílias, sendo que a mesma permanecia nas casas durante uma semana. Para envolver as famílias e incentivar

o exercício da escrita, solicitamos que os pais ou responsáveis registrassem esses momentos em um caderno específico para tal.

Inicialmente, a participação das famílias no registro da experiência foi intensa (ver anexo 2); porém, com o passar do tempo, os relatos acabaram se resumindo a anotações rápidas das leituras da sacola.

4. Dinâmica “Controle mágico”. Realizamos essa dinâmica com o objetivo de criar, através da imaginação, ideias de mudança para a realidade dos alunos.

Então, levamos para a sala de aula um controle remoto e perguntamos: “Se esse controle fosse mágico e lhe desse o poder de mudar alguma coisa em sua vida, o que você mudaria?” A resposta foi dada através de um desenho ou de um texto apresentando o “antes” e o “depois”: como minha vida é agora e, com meus poderes, ela seria assim...

O trabalho foi realizado, também, em forma de um texto individual (mágicas para transformar a casa, a família, a rua, a sala de aula,) e textos em grupos, na sala de aula (mágicas para mudar a escola, o recreio, etc). Nessa atividade, os alunos trouxeram várias de suas inquietações e também sugestões de mudanças no âmbito familiar. Acolhemos essas informações e as repassamos à psicóloga Rejane.

5. Saída de campo para fotografar a comunidade em relação ao lixo encontrado na rua, seguida de confecção de painel com as fotos. Os alunos e nós, professoras, saímos a campo na comunidade de Hilários, onde se situa a escola, para fotografarmos tanto as atitudes positivas quanto as negativas em relação ao lixo e aos cuidados com os espaços públicos e privados dessa comunidade. Tivemos o cuidado de não fotografar os pátios das casas que estivessem mal cuidados para evitar constrangimentos.

Logo após voltarmos à escola, imprimimos as fotos.

No dia seguinte, confeccionamos dois painéis: um, com as atitudes positivas da comunidade em relação ao lixo; outro, com as negativas, e ambos foram expostos nos murais da escola.

6. Construção de brinquedos com sucata. Trabalhamos os conteúdos de Ciências (reaproveitamento e reciclagem de lixo) e Arte.

7. Dinâmica: “Trocando palavras e afetos”. Nosso objetivo de estimular a comunicação afetiva através da escrita levou-nos a desenvolver um trabalho em que, a cada dia da semana, os alunos deveriam escrever um bilhete para alguém, estabelecendo, assim, a comunicação através da escrita.

Sugerimos algumas variações de textos como bilhete para os pais (segunda-feira), bilhete para um funcionário da escola (terça-feira), bilhete

para um colega escolhido (quarta-feira), bilhete para um professor (quinta-feira), amigo secreto com trocas de bilhetes (sexta-feira).

8. Realização de uma feira, numa manhã do mês de novembro, com exposição dos trabalhos desenvolvidos durante o projeto e para a qual foram convidadas as famílias. Cada grupo de alunos apresentou uma das atividades realizadas durante o ano, explicando detalhadamente como tudo havia sido realizado.

AVALIAÇÃO DO PROJETO

Após a conclusão das atividades, realizamos a avaliação deste projeto. Percebemos que a maioria dos alunos mostrou interesse e que as atividades realizadas despertaram neles a vontade de mudar a realidade do meio em que vivem de forma simples e real.

Mas nem tudo aconteceu como planejamos. O caderno de registros da sacola literária, por exemplo, acabou perdendo seu objetivo principal. No início, os pais relatavam a experiência da leitura em família com participação de todos e com encantamento. Com o decorrer do tempo, no entanto, os relatos vinham resumidos e a opinião dos pais, apresentada de forma breve.

Constatamos que, nas atividades com a psicóloga, os alunos participavam com entusiasmo e, durante as aulas, mostravam-se participativos, responsáveis e críticos em relação aos conteúdos trabalhados.

Concluimos o projeto com a certeza de que, ao mesmo tempo em que conquistamos um ideal e cumprimos um dever, estamos a caminho de outros conhecimentos. Aprendemos juntos que o ser humano, quando estimulado e orientado, é capaz de superar

obstáculos na busca por um mundo melhor.

PROFESSORAS:

*Cheila Aguiar Magnus
Aline Lumertz
Marta Benck Becker*

DIREÇÃO:

Eliane Evaldt Webber

BIBLIOGRAFIA

Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Ostermann, Cristiane; Grabauska, Raquel. *Mudamundo. Ilustrações de Laura Castilhos – Porto Alegre: Signi, 2011.*

Fernandes, Dorana; Pecoits, Sariane. *Caderno de Sugestões Mudamundo. Ilustrações de Laura Castilhos – Porto Alegre: Signi, 2011.*

RELATO DA AVÓ DE UM ALUNO DO 4º ANO

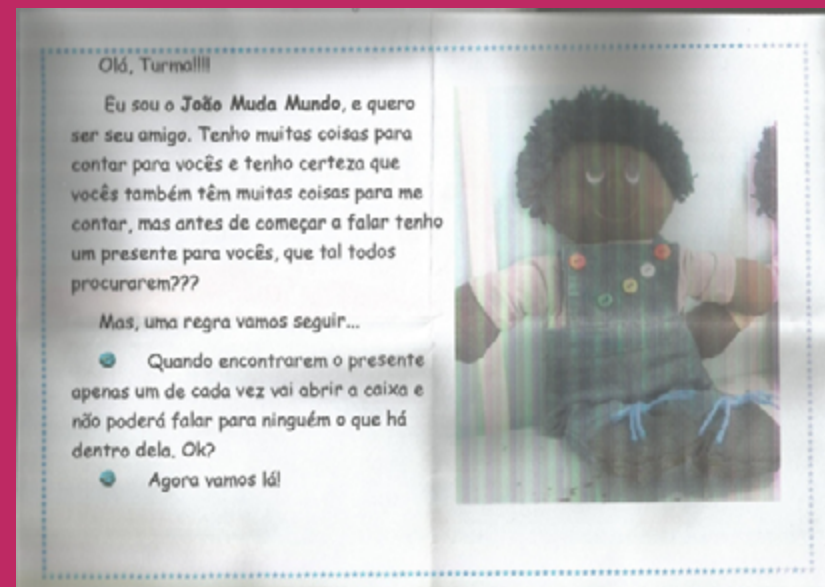
Que bela sacola! Ela mostra como devemos fazer para ter uma vida mais saudável, com mais energia para ter ânimo, para trabalhar e também estudar com mais entusiasmo tendo uma boa alimentação, produzindo nossos produtos ecológicos com uma boa horta perto da nossa casa, uma vaca de leite e muitas outras coisas que podemos criar em nossa volta. A carne suína e de frango temos experiência própria, aqui dificilmente usamos remédios, os alimentos selecionados são a nossa vida.

Na sacola contém muitos livros, mas cada um tem uma história muito importante, ótimas receitas muito saudáveis para o dia a dia e também mostra como preservarmos a natureza, o solo e as águas, pois sem elas jamais poderíamos viver.

Agradeço a quem inventou este trabalho, porque vindo da escola as crianças ouvem com mais seriedade e preocupam-se com a gravidade do nosso planeta.

O Iuri leu os livros com muita atenção e todos nós escutamos. Valeu!

Helena de Souza - vó do Iuri



PROJETO “VISITA À SLAVE”

Professora Aline Lumertz

Durante um mês, no ano de 2015, o 6º ano da Escola Luzia Rodrigues, Comunidade dos Hilários, D. Pedro de Alcântara, RS, lembrou as histórias do João Muda Mundo, personagem que havia inspirado o projeto “CONSUMO RESPONSÁVEL E RESPEITO À DIVERSIDADE: ABRAÇAMOS O PLANETA, SEM OLHAR AS NOSSAS DIFERENÇAS “ em 2013¹. Essa revisita originou questionamentos sobre o significado das palavras velho e idoso, solidariedade e solidário, e novos desafios foram lançados, levando as crianças a pesquisarem as informações necessárias na

Internet durante as aulas de computação..

Após a realização da pesquisa, promovemos uma roda de debate na sala de aula e procuramos sensibilizar os alunos/as alunas a respeito da presença e do papel dos idosos em nossas famílias e daqueles que as famílias tratam como “velhos”. Além disso, também discutimos a importância da solidariedade e como o fato de sermos solidários pode impactar positivamente o meio em que vivemos.

A turma, então, se mobilizou e formou um grupo disposto a ser mais atencioso não só

com os idosos da família, mas também com aqueles que vivem em casas de repouso. Entre as inúmeras sugestões dadas pela turma, optamos por uma visita aos moradores da casa de repouso SLAVE, em Torres, RS, durante a qual levaríamos o nosso carinho e nossa atenção a eles, oferecendo-lhes um café da manhã saudável, presentes e entretenimento com apresentações artísticas.

Para atingirmos nosso objetivo e visando facilitar a execução das tarefas pelas crianças, dividimos o trabalho em três etapas distintas.

Na primeira etapa, @s alun@s foram em busca de doações de presentes para os idosos. Para minha surpresa e felicidade, esta etapa do trabalho foi abraçada por todos os alunos da escola assim como por seus familiares e, também, pelos comerciantes locais. A ideia inicial era levar somente uma cesta de presentes para todos os moradores da casa, mas com tamanha participação

pudemos levar mais de uma e, assim, presentear cada um deles.

A segunda etapa, que acabou gerando uma atividade não projetada anteriormente, consistiu em planejar um café da manhã que fosse saudável e adequado às normas da casa de repouso. Por isso, e para entender perfeitamente o conceito de alimento saudável, os alunos realizaram, durante as aulas de computação, pesquisas na Internet sobre o assunto. O passo seguinte - análise e reflexão das informações coletadas - levou-nos a desenvolver uma enquete para descobrir quais eram os alimentos saudáveis e não saudáveis mais consumidos pelos alunos, professores e funcionários da escola. A enquete, a coleta de dados e os gráficos foram elaborados durante as aulas interdisciplinares e expostos no mural da escola para que todos pudessem refletir a respeito.

¹ “CONSUMO RESPONSÁVEL E RESPEITO À DIVERSIDADE: ABRAÇAMOS O PLANETA, SEM OLHAR AS NOSSAS DIFERENÇAS “, projeto desenvolvido em 2013 com os alunos do 4º. ao 6º. Ano da Escola Luzia Rodrigues.



Fiquei muito feliz ao constatar que meus alunos entenderam perfeitamente o significado de uma alimentação saudável e ao saber que alguns pais, embora admitindo ser difícil resistir aos produtos industrializados, estimulam seus filhos a priorizarem esse tipo de alimentação. Também sugerimos às crianças que incentivassem suas mães a produzirem bolos, pães, geleias, sucos e doces com os produtos que as famílias cultivam em suas propriedades. E, como anteriormente, tivemos o apoio tão importante dos pais. Pesquisa pronta, a turma decidiu que o melhor para levar aos idosos seriam produtos naturais orgânicos ou preparados pelos seus familiares e, assim, planejaram levar frutas, suco, bolos, pães, rosca e doces caseiros no dia da visita.

O objetivo da terceira etapa era organizar uma apresentação artística para alegrar o ambiente no dia da visita. Então, não houve dúvidas

quanto a quem convidar: só poderia ser o grupo de dança alemã *Tanz Match Freunde* que a escola mantém em turno inverso com os próprios alunos, tendo como responsáveis as professoras Keiti Santos de Souza e Julia Krás Paulo Magnus. Apesar das pequenas dificuldades (perfeitamente resolvidas pela equipe pedagógica) em relação à adequação dos horários das professoras ao dia da visita para que o grupo pudesse estar presente, todos/todas participaram do desafio com muita dedicação e entusiasmo.

Estávamos na reta final da organização de nossa visita quando um fato inesperado, mas muito significativo, aconteceu: uma das crianças passou a demonstrar claramente que não se sentia à vontade em participar da visita à casa de repouso. Estranhei sua atitude, pois ela se dedicara bastante durante todo o processo até aquele momento. Foi, então, que resolvi chamá-la para

uma conversa reservada e tentar descobrir o que estava ocorrendo. Após a conversa, ficou claro que o motivo da recusa era a presença de seu avô naquele local de repouso.

Nesse momento, tive receio de que nosso projeto e o modo como estava sendo desenvolvido pudessem criar algum atrito nas famílias, pois não era essa a nossa intenção; muito pelo contrário, nosso objetivo era o de estreitar os laços afetivos com os familiares idosos. Um momento de incerteza se instalou; pensei em quantos problemas poderiam surgir se continuássemos com o projeto, mas, ao mesmo tempo, não poderia deixar os demais envolvidos sem um retorno após tanto trabalho. Por isso, finalmente, decidi agendar o dia da visita, confirmei os horários e procurei deixar aquela criança à vontade para nos acompanhar ou não: dependeria da decisão e vontade de seus pais.

Na semana do evento, porém, fomos surpreendidos pelo tempo chuvoso e não foi possível realizarmos o passeio tão aguardado, pois ruas e estradas encontravam-se alagadas, dificultando o acesso dos alunos e alunas até à escola e da escola até à SLAVE. A visita precisou, portanto, ser adiada.

Mais alguns dias de espera, o sol voltou a surgir e, pela segunda vez, agendei a visita. Estava tudo preparado e todos nós, ansiosos pela experiência diferente que vivenciaríamos. Então, tive o meu momento de epifania: aquela criança que havia manifestado desejo de não participar, veio até mim e disse que iria junto com o grupo. Entre surpresa e feliz, perguntei se isso era vontade dela própria ou se era uma decisão dos pais. A resposta que ouvi mostrou-me que o projeto havia alcançado seu objetivo, pois a família não via nenhum problema.

Finalmente, chegou o grande

dia. Estávamos todos um pouco apreensivos, pois, apesar de termos trabalhado muito para desenvolver o projeto, até ali contávamos só com a teoria e, como sabemos, a prática nem sempre condiz com aquela. Nossos sentimentos, porém, eram infundados, pois o objetivo do trabalho foi plenamente alcançado. As crianças chegaram à SLAVE e arrumaram a mesa para o café da manhã com a ajuda das funcionárias da casa; cada aluno/a serviu uma pessoa idosa, tomou café junto com ele/ela, abrindo espaço para conversa e troca de carinho. Terminada a refeição, os alunos/as alunas levaram os idosos para tomar sol ou simplesmente se sentaram no sofá para relaxar e conversar. O grupo de dança alemã fez sua apresentação e deixou ainda mais mágica a nossa visita. Para encerrar aquela manhã solidária, entregamos aos idosos os presentes e deixamos nosso abraço e beijo a cada um deles.

Na aula seguinte, reunidos em círculo, relatamos e compartilhamos nossas experiências a respeito da visita. Foi emocionante ouvir os depoimentos das crianças e perceber como eles/elas entenderam não só a importância de valorizarmos aqueles que nos possibilitaram chegar até aqui e de estarmos presentes na vida deles, mas também de sermos mais solidários e ajudarmos a mudar o meio em que vivemos. Posteriormente, como atividade de conclusão do projeto, os alunos foram convidados a transformar seus relatos em produção textual.

Assim, construímos e realizamos o projeto Visita SLAVE, cujo destaque foi a valorização dos idosos, desenvolvendo nos alunos atitudes de cooperação, de solidariedade e de conscientização para uma alimentação saudável.



ESCOLA MARTIMIANO FERRREIRA ALVES



Cláudia Rosane da Silva Costa



Poliana de Luca

Josiane da Silva Ramos Lima



Maria Scheffer Barros Ramos

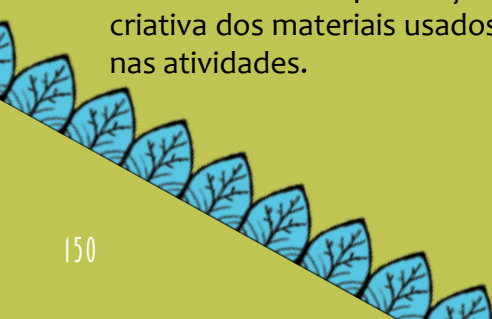
Educadoras



Elizandra Alves Evaldt



Morgana Lopes
de Matos Cardoso



CURTAS DA MARTIMIANO

Apesar de proibida, é sabido que, em comunidades rurais, a caça de pássaros silvestres e outros animais ainda é prática comum, inclusive sendo realizada por pais e vizinhos de nossos alunos. O uso de agrotóxicos é outra situação do entorno dos estudantes. Já a questão indígena chama a atenção para a atual realidade dos povos que, no passado, viveram em harmonia com a Mata Atlântica.

Nestes relatos, três professoras contam um pouco sobre projetos de educação ambiental desenvolvidos a partir desses assuntos. Além de sensibilizar para a aprendizagem de conteúdos curriculares, os temas também estimularam a produção criativa dos materiais usados nas atividades.

A LEITURA LIBERTADORA

A professora Elizandra Alves Evaldt conta como a leitura de duas publicações estimulou o trabalho de conteúdos da Língua Portuguesa e a consciência sobre a liberdade dos pássaros com as turmas dos 1º, 2º e 3º anos.

“Primeiramente, recebemos as cartilhas da Brigada Ambiental de Maracajá, SC, sobre Cuidados com o Meio Ambiente, em forma de histórias em quadrinhos. Entre os temas, escolhi começar com fauna, seguindo, depois, com flora.

Depois de muito trabalho com diversas atividades de conscientização e de conteúdos do programa (sinônimos, antônimos, pontuação), tomamos conhecimento da obra “Nina

e os Passarinhos”. Fomos, então, em busca do livro para leitura. Encontramos, no site do Centro Ecológico, uma versão em arquivo PDF. Organizei o texto numa folha e fiz uma cópia para cada aluno. Tínhamos um único exemplar do livro em nossa biblioteca, e esse passou por todos os alunos e suas famílias, sendo levado a cada dia para uma residência através do Projeto Bolsa da Leitura.

Após todos o terem levado para casa, a professora fez a leitura em voz alta para os alunos e houve muita discussão e reflexão. O próximo passo foi a releitura da obra em forma de livrinhos com imagens. Ensaíram uma dança a respeito do tema, sendo que as roupas usadas pelas meninas foram resultado de um projeto, na escola, sobre reaproveitamento de materiais. As saias foram confeccionadas com tecidos de sombrinhas já descartadas no lixão. Também ensaiaram a música “Pássaro triste preso na gaiola” para cantar durante

a soltura dos pássaros trazidos pela Polícia Ambiental de Maracajá, como culminância do trabalho da escola junto com a dramatização apresentada pelos colegas dos 4º e 5º anos”.

FILTRO DOS SONHOS, PONTE CULTURAL

A professora de Artes e Geografia artes e geografia dos 7º e 9º anos, Morgana Lopes de M. Cardoso, usou a confecção de uma peça decorativa para trabalhar linguagem visual e cultura indígena.

“As turmas dos 7º e 8º anos estiveram envolvidas no projeto “Sonhar é preciso”. Esse projeto sobre os povos indígenas teve como atividade de culminância a elaboração do artefato Filtro dos Sonhos. O filtro dos sonhos representa para os povos indígenas a vida. De acordo com a crença desses povos,

ele filtra os sonhos ruins durante o sono. Foi através da confecção dos filtros que foram trabalhados muitos conteúdos das disciplinas como, por exemplo, os elementos da linguagem visual e da cultura indígena”.

EMPATIA PARA TRABALHAR TEMAS AMBIENTAIS

Nas estações da trilha ecológica da Escola Martimiano, pode-se observar de perto a exuberância da Mata Atlântica. Estruturada a partir de 2015 pela

comunidade escolar, é um espaço aberto ao turismo ecológico. No entanto, o extermínio de gambás, tatus, pássaros, roedores e felinos prejudica o desenvolvimento da atividade para a qual o município tem grande potencial. Neste relato, as professoras Morgana Lopes de Matos Cardoso e Josiane da Silva Ramos Lima, de Artes e Língua Portuguesa, contam como os alunos e alunas do 8º ano se colocaram na pele desses animais ao terem que lidar com a caça, os agrotóxicos e o lixo deixado pelos humanos no ambiente deles.

“As disciplinas de Língua Portuguesa e Artes realizaram trabalho na Trilha Ecológica Pedagógica da Escola. Foram trabalhados com os alunos os seguintes temas: reciclagem, caça e agrotóxicos. Essas temáticas foram introduzidas nas estações, ou seja, em paradas durante o percurso da trilha. Para falar sobre estas temáticas, os alunos interpretaram personagens característicos da fauna encontrada no ecossistema local do Bioma da Mata Atlântica”.

ESCOLA MARTIMIANO
FERREIRA ALVES

Roça da Estância - Mampituba

PROFESSORAS:

Cláudia Rosane da Silva Costa

Elizandra Alves Evaldt

Josiane da Silva Ramos Lima

*Morgana Lopes de Matos
Cardoso*





PROJETO MOSTRA A IMPORTÂNCIA DOS RECICLADORES DA NATUREZA

Maria Scheffer B. Ramos

Praticamente invisível, o papel dos fungos como decompositores de resíduos de seres vivos nem sempre é reconhecido pelas pessoas. Esse processo de reciclagem é indispensável às redes que nutrem os milhões de organismos necessários ao equilíbrio dos ecossistemas.

Na alimentação humana, os fungos são igualmente importantes e cada vez mais são difundidos os benefícios dos alimentos fermentados. Há também medicamentos e alguns fungos comestíveis. Por essas razões, um projeto da professora (?) com o 7º ano em 2015, elegeu os fungos como objeto de estudo.

O objetivo geral era despertar a curiosidade sobre os fungos, incentivá-los à pesquisa sobre espécies comestíveis e alertar também sobre os perigos que algumas espécies podem

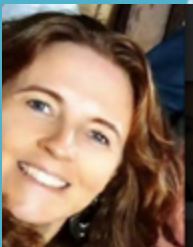
causar à saúde humana. Os específicos eram: o reconhecimento de fungos da Mata Atlântica utilizados na produção de alimentos, bebidas e medicamentos e o incentivo à produção de fungos para que as famílias da comunidade escolar pudessem usufruir dos benefícios do iogurte natural.

A partir desses objetivos a professora propôs pesquisa, leitura, experiências, saída de campo para observação dos fungos na natureza e produção de relatório sobre os resultados obtidos. Em sala de aula, a metodologia incluiu leituras de textos de livros, revistas e sites sobre o tema, atividades para fixação de conteúdos, pesquisa na Internet sobre espécies de fungos dos biomas brasileiros, com destaque para a Mata Atlântica. A saída a campo foi na trilha ecológica nos fundos

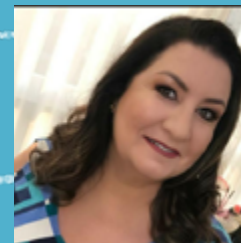
da escola, construída por alunos, comunidade escolar e professores.

Na etapa posterior às pesquisas em sala de aula e à saída a campo, os alunos produziram bebida láctea e iogurte utilizando fungos que algumas famílias tinham em casa. Outras famílias doaram leite de vaca. A experiência transcorreu na escola. Em equipes, os alunos acompanharam por uma semana a multiplicação dos fungos e o processo de fermentação que produz o iogurte. De uma medida de dois copos de fungos, foram produzidos 12 litros de iogurte que eles combinaram com frutas como morango, mamão e açaí. No final, a culminância do projeto foi na Mostra Pedagógica.

ESCOLA BARÉA



Adriane Lipert Bittencourt



Mariluz Machado Raupp



Zuleica Alves de Aguiar



Elaine Fernandes Scheffer



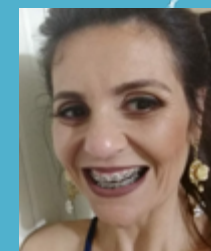
Simone Barcelos Aguiar



Julci Cardoso Machado



Giseli Aguiar Cardoso



Simone Machado de Oliveira

Educadoras



PROJETO FLUIR: ÁGUA NA ESCOLA SUSTENTÁVEL

Para melhor entendermos o contexto atual da Escola Baréa, é preciso resgatar um pouco da sua trajetória nos últimos anos.

Localizada na comunidade de Santo Anjo da Guarda, no município de Três Cachoeiras, próximo à Serra Geral, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom José Baréa atende em torno de 130 alunos da Educação Infantil ao 9º ano. Nas últimas décadas, a comunidade passou por um processo de transformação na sua economia e modo de vida, deixando de ser uma comunidade essencialmente agrícola para transformar-se num polo da indústria de móveis e esquadrias.

Desde 1990, a escola busca adequar o currículo e as práticas educativas a fim

de estimular a reflexão dos alunos acerca dos problemas enfrentados na comunidade e, assim, dar mais significado às aulas. Neste período, surgiu a Semana de Conscientização Ambiental (SCA) para a qual utilizamos uma metodologia diferenciada, por meio de projetos participativos. A escola passa, então, a sensibilizar a comunidade para as temáticas ambientais. Durante mais de duas décadas, inúmeros temas foram desenvolvidos em parceria com outras entidades da comunidade: Associação dos Moradores, Equipe Administrativa, Clube de Mães, além de outros órgãos (a Prefeitura Municipal, Emater) e, principalmente, com o apoio da ONG Centro Ecológico, que proporcionou e proporciona assessoria com formação e apoio logístico.

Em 2008, a SCA passou a

contar com o Barearte, exposição de instalações e de trabalhos artísticos sobre o tema do evento. Esse novo formato foi introduzido na Semana de Conscientização Ambiental a partir da visita da escola à Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, no ano de 2007. Acreditamos que essa nova dinâmica contemplando a arte tornou-se uma excelente ferramenta para a sensibilização de toda a comunidade.

Durante a Conferência Infanto-juvenil pelo Meio Ambiente na Escola¹, em meados de 2013, surgiram várias questões relacionadas à problemática da água, em especial o mau uso desse recurso na escola. O abastecimento é garantido pelo sistema de água comunitária, mas a escola acaba utilizando água tratada para irrigação da horta e

manutenção dos banheiros. Demonstrando senso crítico avançado, os alunos também observaram e ressaltaram a falta de investimentos na infraestrutura dos banheiros, que estavam sucateados, provocando desperdício de água por serem muito antigos e por não estarem adaptados para o uso da água de forma sustentável.

Em função dessas necessidades, surgiu o Projeto Fluir cujo objetivo principal era implantar um sistema de captação e armazenamento de água da chuva (cisterna) que servisse de referência para as famílias da comunidade. Além disso, o projeto visava adaptar tanto as instalações dos banheiros quanto a irrigação da horta de forma a aproveitar a água armazenada.

O Projeto Fluir buscou, por meio de pesquisa,

¹ Vídeo produzido para ser apresentado na Conferência Estadual pelo Meio ambiente na escola (<https://youtu.be/nlBy7O7ngcE>)

RELATÓRIO DA VIII SCA E III BAREARTE



conhecer as formas de uso da água na comunidade; analisar os diferentes usos da água e sua repercussão quanto à distribuição e disponibilidade; estudar e aprofundar conhecimentos e informações sobre temas e conceitos que envolvem a questão de recursos hídricos; promover ações na escola e na comunidade que contribuíssem para

preservar os recursos hídricos disponíveis; adaptar as instalações dos banheiros e o sistema de irrigação da horta de modo a possibilitar o uso sustentável da água e disseminar, na comunidade, a proposta de implantação de cisternas por meio de estratégias de educação.

Em julho do ano de 2014, os alunos da Educação Infantil deram início aos trabalhos sobre água dentro das propostas do Projeto Fluir. Após assistirem ao filme “Kiriku e a feiticeira”, as crianças fizeram um desenho coletivo representando situações sobre a falta d’água que se destacava na história do filme.

Concluída a sensibilização, partimos para o estudo da realidade: um questionário sobre a questão da água da comunidade, desenvolvida pelo 7º ano, foi enviada às famílias dos alunos. Então, a partir dessa pesquisa envolvendo os pais, definimos um tema mais específico relacionado ao assunto: Por que economizar água?

Realizamos vários estudos sobre a quantidade de água disponível no planeta bem como sobre dicas de economia de água. As atividades

foram variadas e incluíram trabalhos práticos, histórias, ilustrações, músicas, passeios pedagógicos, etc., sendo registradas no diário de bordo por meio de desenhos.

O primeiro trabalho realizado foi a visita à caixa d’água comunitária, a qual muitos alunos nem conheciam e nem mesmo sabiam que aquela água abastecia suas casas. Também realizamos uma visita à cisterna que estava sendo construída na escola para melhor entendimento sobre o seu funcionamento, assim como uma visita à Empresa Água Mineral Santo Anjo, a fim de conhecer todo o processo de captação, envase e distribuição da água mineral.

A partir da história “Por que economizar água?”, os alunos criaram desenhos, imagens sobre economia e desperdício de água, bem como a quantidade de água

disponível no planeta terra.

De todos os trabalhos desenvolvidos, dois se destacaram: um deles foi a música A ÁGUA, de Cristina Mel, a qual falava das diversas utilidades da água. A partir da letra da canção, fizemos ilustrações e encenações. O outro trabalho foi a história da Gota Cristal, que narrava o ciclo da água e sobre a qual também fizemos ilustrações e encenações.

Após todo o estudo realizado e o desenvolvimento do trabalho, definimos o produto final a ser exposto e apresentado à comunidade. A questão mais recorrente apresentada pelos pais no questionário referia-se a como agir para ajudar na

economia de água. Então, juntamente com as crianças, pensou-se que, se o tema havia surgido a partir das famílias, por que não criar cenas nas quais os alunos representariam situações do dia a dia em que podemos economizar água? Cenas como lavando o carro com o uso do balde em vez de mangueira; torneira pingando; lavando a louça com a torneira fechada e não aberta, assim como escovando os dentes com a torneira fechada; tomando banhos rápidos, foram elencadas. Todas as cenas e falas foram construídas pelos alunos e professora durante os ensaios das mesmas.

Assim, durante toda a SCA, essas cenas foram representadas pelos alunos da Educação Infantil em cenários específicos construídos para cada uma delas. Em cada cenário, garrafas PET representavam a quantidade de água consumida com desperdício e a quantidade de água consumida com economia.

CENA: LAVANDO A LOUÇA.

CENA: ESCOVANDO OS DENTES.

CENA: TORNEIRA PINGANDO.

CENA: TOMANDO BANHO.

CENA: LAVANDO O CARRO.

Vale ressaltar aqui que toda a água utilizada nas garrafas foi reaproveitada na horta escolar após o término das atividades da SCA. Os diários de bordo, nos quais foram registrados todos os trabalhos realizados sobre o tema água, ficaram expostos para os visitantes.

Construímos também um painel - Qual a sua gota de contribuição para economia de água? - que ficou exposto aos visitantes para colaborarem com suas opiniões e sugestões.

A avaliação da SCA foi feita no dia seguinte ao término dos trabalhos apresentados e expostos. Cada aluno representou, por meio de desenhos, no diário de

bordo, três dos trabalhos apresentados que mais lhe chamou atenção.

Percebeu-se, com a avaliação, o entendimento dos alunos sobre o Projeto Fluir e a valorização deles em relação aos trabalhos desenvolvidos. Esse entendimento e essa valorização também foram percebidos por meio dos relatos e falas dos pais que, a cada visita à escola, faziam questão de mencionar atitudes das crianças no dia a dia relacionadas à economia de água, como, por exemplo, cobrando de todos em casa banhos mais rápidos, bem como o fechamento da torneira na hora de lavar a louça.

CISTERNA: GOTAS DE CHUVA CAPTADAS, CERTEZA DE SUSTENTABILIDADE BROTADA

Sendo a construção da cisterna o produto final do Projeto Fluir e para garantir que todos os alunos acompanhassem o processo de sua construção, formou-se um grupo com dois alunos de cada turma que seria responsável pela realização de atividades extraclasse: pesquisa e práticas em oficinas sobre a captação e armazenamento da água da chuva.

A CISTERNA EM CINCO ETAPAS

1. O DESAFIO

Depois de convidados, os alunos foram reunidos e desafiados a participarem do projeto, iniciando por uma pesquisa sobre o processo de construção da cisterna. Depois, deveriam levar os conhecimentos construídos, a cada etapa, aos colegas de

turma. Aqui, os primeiros questionamentos:

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Nome do aluno: _____

Assunto: O que é uma cisterna?

Resposta: _____

Assunto: Para que serve a cisterna?

Resposta: _____

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

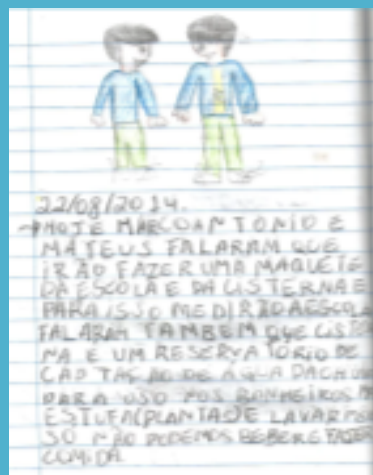
Nome do aluno: _____

Assunto: O que é uma cisterna?

Resposta: _____

Assunto: Para que serve a cisterna?

Resposta: _____



2. MAQUETE DA CISTERNA

A construção de uma maquete com noções de espaço, localização e pontos de referência foi a maneira mais apropriada que o grupo encontrou para reproduzir a dinâmica do ambiente escolar com a instalação da cisterna. Para trabalhar essas noções de medidas, espaços, proporcionalidade, perspectiva e projeção, solicitamos a participação da arquiteta Elisângela

Vicintainer Santos, moradora da comunidade e mãe de um aluno da escola, para realizar uma oficina do projeto da maquete. Após tomarem as medidas dos espaços da escola e desenharem uma planta baixa, os alunos, com o projeto em mãos, foram visitar uma indústria moveleira e contaram com o auxílio do marceneiro Jonas Fernandes para executá-lo. Além disso, ainda tiveram a oportunidade de conhecer a função das máquinas, os cuidados que os profissionais devem ter ao manuseá-las e os conhecimentos de matemática que o trabalho exige. Após a produção das partes da maquete, o grupo reuniu-se em vários momentos para finalizar a montagem.



3. DO TELHADO À TORNEIRA

Com a cisterna e a maquete da escola prontas, os alunos tiveram oportunidade de conhecer todo o processo desde a captação da chuva, o caminho que a água percorre até ao reservatório e sua distribuição pelos encanamentos até chegar ao destino final: torneiras, descargas dos banheiros e irrigação da horta e estufa. Com o auxílio do tecnólogo em Gestão Ambiental e químico Lucieder Raupp e do técnico em instalação hidráulica Claudiomiro Jorge, os alunos acompanharam atentamente todo esse caminho da água. Tudo o que haviam observado na maquete, agora poderia ser visto no espaço real.



4. ROTEIRO DE VÍDEO

O grupo de alunos, então, seguia uma caminhada de muita aprendizagem e muitas descobertas. Um dos objetivos do Projeto Fluir era a produção de um vídeo com o passo a passo da construção de uma cisterna. Esse vídeo seria utilizado para disseminar, na comunidade, a ideia de economizar água potável. Para auxiliar os alunos na criação dessa mídia, foi realizada uma oficina com a jornalista Miriam Sperb, que explicou como produzir um roteiro, deu dicas de como fotografar, filmar e legendar, entre outras.

5. CHEGOU A HORA DE PRODUIR!

Alguns alunos já possuíam conhecimentos avançados de tecnologia e, a partir da oficina de roteiro, o vídeo

“Passo a Passo da Cisterna” foi criado. Primeiramente, receberam um material informativo contando a história do surgimento da cisterna no mundo. A seguir, usando os programas Movie Maker, Photo Scape e Google Earth, com o roteiro previamente construído e orientados pelas professoras, finalizaram a edição do vídeo.

Vídeo disponível em <https://youtu.be/KEs8fz8DEJk>



Professoras responsáveis pelo grupo da cisterna:

Elaine Fernandes Scheffer (Diretora) e Giseli Aguiar Cardoso (Bibliotecária)

6. COMPARTILHANDO CONHECIMENTOS

Durante a VIII SCA, os alunos, já organizados em pequenos grupos, compartilharam os conhecimentos adquiridos ao longo do processo de construção:

- Da instalação, representando a quantidade de água do planeta;
- Da maquete da escola e o sistema de captação de água da chuva;
- Do vídeo “Passo a Passo da Cisterna”;



- Do painel, comparando o consumo de água atual com a projeção do consumo após a instalação da cisterna;
- Das instalações da cisterna no pátio da escola.

7. UM OLHAR PEDAGÓGICO

QUE BOM QUE...

- As parcerias contribuíram efetivamente (Centro Ecológico, Associação de Moradores, Água Mineral Santo Anjo, profissionais citados, pais e todos os alunos envolvidos).
- Os alunos tinham um domínio dos programas de informática que nós, professores, não possuíamos.
- A maquete representou bem o espaço real.
- A cisterna funcionou

como planejado.

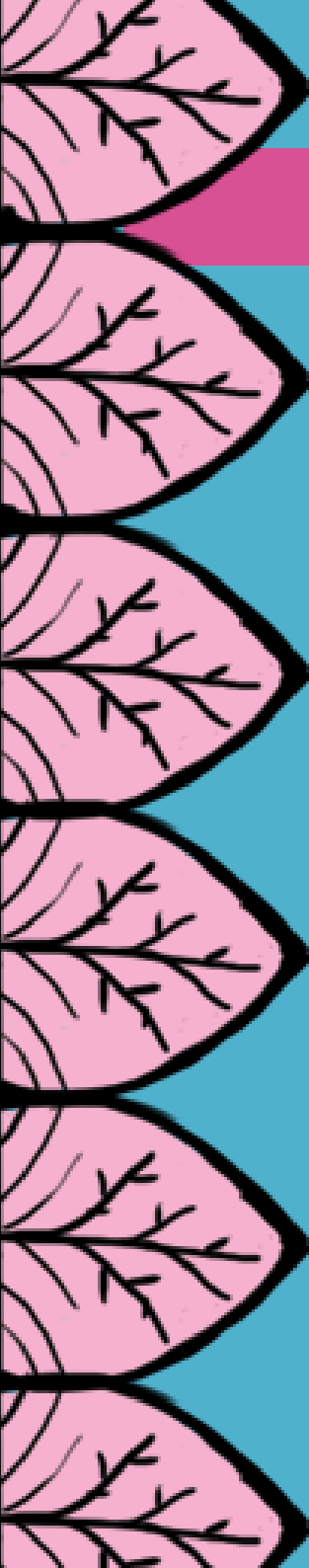
- Toda a escola envolveu-se plenamente nas ações da SCA.

QUE PENA QUE...

- A comunidade não compareceu à visitação como esperávamos.
- O tempo de preparação foi curto.
- As professoras coordenadoras deste grupo não dispunham de todo o tempo de que precisavam por exercerem outras funções.

QUE TAL SE...

- A organização da escola pudesse ser modificada para que se intensificassem os encontros de preparação da SCA?



PROJETO FLUIR - 2º ANO

No pontapé inicial do Projeto Fluir para as séries iniciais, quando os alunos mostraram uma aceitabilidade muito grande ao tema “água”, quando houve uma demonstração de afeição por toda aquela busca do mapa do tesouro, quando quase cem por cento dos alunos participaram da ida ao cinema e das atividades de arte e brincadeiras, quando percebi a integração entre eles e o prazer que demonstravam em se engajar nas propostas, pensei: “Estamos no caminho certo”.

Então, como segunda parte do projeto, enquanto trabalhávamos com o tema e seus desdobramentos, a minha preocupação era descobrir qual a aptidão maior da turma e qual o viés no qual iríamos nos aprofundar depois que fizessemos um apanhado geral do assunto.

Conforme fomos trabalhando, conhecendo a história da água na nossa comunidade, o nosso poço comunitário, a caixa d'água

comunitária, a fábrica de água mineral, o processo do ciclo da água, os descartos feitos com ela através do desperdício, textos, situações, vídeos... tudo isso motivou a turma a demonstrar um interesse pelo que era mais próximo: nossa Lagoa Itapeva e nosso rio Cardoso.

Fomos percebendo que quase todos os alunos tinham uma relação muito estreita com essas duas fontes de recurso hídrico que se localizam em nossa comunidade.

Fizemos várias pesquisas e descobrimos que eram lugares muito frequentados nos finais de semana para pescar, por exemplo. Sabiam quais peixes existiam em maior quantidade e quais eram os mais saborosos. Diante desses dados, combinamos que iríamos fazer um estudo detalhado dos peixes que viviam na lagoa e no rio.

Fizemos uma entrevista com um pescador local, que muito engrandeceu nosso

trabalho e gerou um vídeo com perguntas, respostas e curiosidades sobre as espécies de peixes mais encontradas por aqui: os mais saborosos, os que são adequados para se fazer filé, as épocas proibidas para a pesca e por que essas épocas são proibidas para a pesca, enfim... No final da entrevista, combinamos com o “Beto” - nosso pescador – que montaríamos um aquário na sala de aula e, através de observações e mais estudos, aprenderíamos mais particularidades sobre essas espécies.

Arrumamos tudo. Um aquário grande, com todos os apetrechos necessários para a adaptação desses peixes, foi instalado. Bomba de ar, termômetro, água sem cloro, tudo, enfim, para receber os peixes que Beto trouxe para colocar no aquário... Alegria geral!

No primeiro final de semana em que os peixes estavam no seu novo habitat, a temperatura

subiu muito (acreditamos que houve uma alteração brusca de temperatura na água do aquário) e, como resultado, somente dois peixes da espécie ‘cascudo’ sobreviveram.

Os alunos, por serem crianças de 7 anos, em média, ficaram bem abatidos com esse desfecho. Houve um sentimento de culpa geral por parte das crianças, pois achavam que os peixes haviam morrido por descaso nosso. Assim, combinamos que continuaríamos estudando o tema, mas sem montar o aquário. Aguardaríamos até a Semana de Conscientização Ambiental e, aí, então, o montaríamos novamente para expor nosso trabalho ao público.

Assim o fizemos. Estudamos tudo o que foi possível. Encontramos, na Internet, um manual riquíssimo (arquivo PDF) sobre a identificação dos peixes da Bacia do Rio Tramandaí – Anama e, assim, demos seguimento ao nosso trabalho.

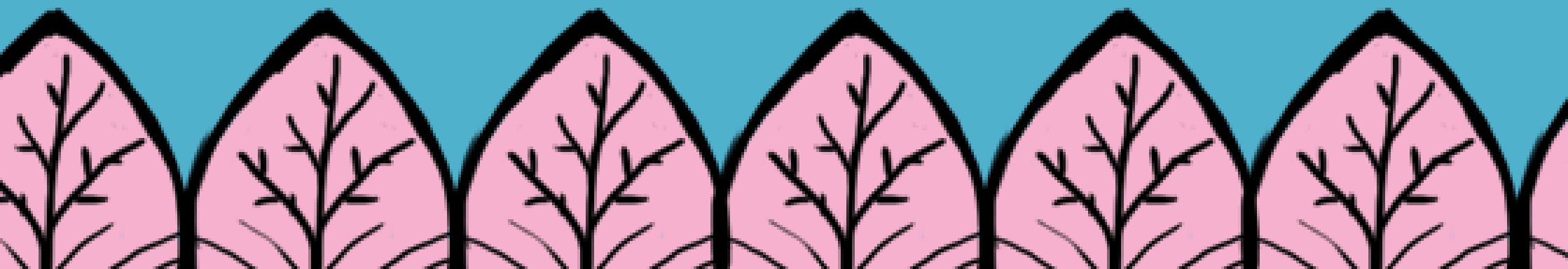
Para a SCA (Semana de Conscientização Ambiental), produzimos um vídeo com trechos da nossa entrevista com o ‘Beto’, com os conhecimentos adquiridos durante o trabalho de pesquisa além de um depoimento de cada um sobre o que havia aprendido mais marcadamente depois de tanto estudo. Qual não foi minha surpresa ao perceber que os alunos queriam falar quase que somente sobre a

morte dos peixes do aquário. Embora tivesse acontecido há um bom tempo, o fato continuava vivo na memória dos pequenos. Uns diziam: “Não coloque peixes da lagoa no aquário, porque eles morrem”. Outros opinavam: “Peixe de lagoa não foi feito pra aquário, por isso é que os nossos morreram”. Houve, ainda, certo comentário por demais inocente: “Se quiserem fazer um aquário, comprem peixinhos coloridos; esses da nossa lagoa não servem para isso”.

No dia da SCA, os alunos quiseram montar o aquário para mostrar as espécies estudadas aos visitantes, mas, conforme conversavam, a morte dos peixes sempre retornava com força.

Durante esses dias, também aconteceu uma alteração muito significativa na temperatura ambiente – estávamos próximos do verão – e, por mais esforços que fizéssemos, ainda assim perdemos muitos dos peixinhos do nosso aquário. Dessa forma, confirmou-se a tese dos alunos de que existe pouca adaptação dos peixes da nossa lagoa em um cativeiro simples e inadequado como é o caso de um aquário de poucos recursos.

Ao final dessa jornada, com um projeto tão rico de informações e de experiências vividas e desenvolvidas em aula e fora dela, os alunos saíram estimulados e fortalecidos não apenas



sobre a temática envolvente e apaixonante da água, mas, no nosso caso, sobre os peixes da lagoa e sobre nossa experiência direta com eles.

Ainda durante a SCA, o ecólogo Dilton de Castro da ONG Ação Nascente Maquiné, Presidente do Comitê de Gerenciamento Hidrográfico da Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí apresentou o painel “Paisagens da Bacia do Rio Tramandaí – usos das terras, da água, culturas” que ratificou nosso trabalho e podemos, inclusive, afirmar que foi mais um momento significativo para a coroação dos nossos estudos. Apesar de a linguagem ser mais específica para os alunos maiores e para o público adulto, os pequenos não desgrudaram os olhinhos da tela onde podiam ver as imagens que tinham tanto a ver com o nosso trabalho. Ao final de sua apresentação, o ecólogo presenteou a escola com várias publicações sobre o assunto, entre eles o “Guia de Identificação dos Peixes

da Bacia do Rio Tramandaí”, que agora poderia ser folheado e melhor explorado fisicamente por meus alunos.

Depois da SCA, retomamos o assunto, reestudamos os pontos que precisavam de esclarecimento e, dentro das possibilidades de abstração que a idade da turma permitia, debatemos os assuntos que eles consideravam relevantes e que haviam sido expostos pelas outras turmas da escola.

“Mexer com o novo nem sempre é como planejamos, mas não devemos nos deixar abater nas situações adversas. Seguindo em frente, com persistência e objetivos claros, sempre conseguiremos um resultado de excelente qualidade ao final do trabalho. Esse tipo de experiência é sempre gratificante, mesmo sendo muito trabalhoso.”

Professora Simone Machado de Oliveira – 2º ano da Escola Baréa.

PROJETO FLUIR - 7º ANO - SANEAMENTO BÁSICO

O projeto Fluir teve início com a exibição do vídeo “Abuela Grillo”, inspirado numa lenda dos povos Ayoreo, da Bolívia. (<https://bit.ly/39HY471>). O objetivo dessa atividade foi o de sensibilizar a turma para a problemática da água no planeta. A discussão e a contextualização do vídeo se deram a partir das seguintes questões: O que sabemos sobre a água no planeta?; O que gostaríamos de saber?; Como faremos para chegar a esses conhecimentos?; O vídeo “Abuela Grillo” mostra um conflito envolvendo a questão da água na Bolívia. Vocês conhecem algum conflito envolvendo a água no Brasil, no RS e/ou na nossa região? Esas questões foram respondidas em grupos e as respostas socializadas na turma. As conclusões foram

registradas em texto coletivo no quadro e copiadas no “Diário de Bordo”.

Na sequência do projeto, passamos ao estudo da realidade (ER). Os alunos e alunas da turma entenderam que seria interessante, antes de tudo, que soubéssemos como a questão da água é percebida pela comunidade. Para isso, elaboramos um questionário para ser aplicado junto às famílias pelos próprios alunos e alunas de todas as turmas da escola. Foram organizadas as duplas, que se encarregaram de encaminhar e recolher os questionários em cada turma bem como ajudar a professora regente na sistematização dos resultados.

Esta etapa do projeto foi bastante difícil, pois, apesar

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DOM JOSÉ BARÉA

PROJETO FLUIR (Tema gerador: a água)

Estudo da realidade

1) O que você sabe sobre a água? *A água é essencial, essencial para a vida, para beber, na alimentação, para tomar banho, lavar roupa e muito mais...*

2) O que você acha da água na comunidade? *Muito boa, muito útil, vem da boca comunitária, para quem quer beber e a água é muito boa, mas é muito cara.*

3) Já teve problemas relacionados à água? Quais? *Sim, tem água durante uma semana, depois não tem, mas a comunidade que é muito boa, mas a água é muito cara, mas mais se resolve.*

3) Já teve problemas relacionados à água? Quais? *Sim, tem água durante uma semana, depois não tem, mas a comunidade que é muito boa, mas a água é muito cara, mas mais se resolve.*

4) Qual o destino da água utilizada na sua casa (esgoto)? *Exato do lugar (para a comunidade), exato do lugar (para a comunidade) = (água).*

5) O que gostaria de saber sobre a água? *Utilização da água na produção de alimentos.*

Contribuição de sistema (operação) muito da água.

AGRADECEMOS A CONTRIBUIÇÃO.

OBS: Atividade desenvolvida pelo 7º ano/2014.

de termos estipulado um prazo para a devolução dos questionários, em algumas turmas houve pouco retorno, já que não era obrigatório. As professoras das turmas fizeram grande esforço, insistindo com os alunos para que trouxessem o questionário respondido. Por isso, essa fase dispendeu mais tempo do que havíamos previsto inicialmente. Depois de tabulados os resultados em cada turma, fizemos a sistematização geral da pesquisa e passamos à sua análise por meio de questões respondidas individualmente.

A conclusão da análise foi registrada num texto coletivo e, com a colaboração da professora de Matemática, representada em gráficos, que foram apresentados (PowerPoint) por representantes da turma à comunidade escolar numa assembleia. Pudemos verificar que a grande maioria das famílias considera o abastecimento e a qualidade

Análise da pesquisa:

Com base no resultado da pesquisa sobre a água aplicada nas famílias da comunidade escolar, responda:

1) Com relação ao que as famílias sabem sobre a água (questão 1), o que é possível concluir? *É possível concluir que as famílias conhecem a água muito bem, para beber e que a água é muito importante para a vida.*

2) Qual a opinião das famílias sobre a água consumida na comunidade (questão 2)? *As famílias acham que a água é muito boa, mas é muito cara, e a água é muito importante para a vida.*

3) Sobre os problemas relacionados à água consumida na comunidade (questão 3), o que é possível perceber? *É possível perceber que a maioria das famílias não tem problemas, mas algumas famílias não têm água em algumas casas.*

4) Sobre o destino da água utilizada pelas famílias da comunidade (questão 4), o que se pode concluir? *Conclui-se que a maioria das famílias não sabe o destino da água utilizada.*

5) Com relação ao que as famílias gostariam de saber sobre a água (questão 5), quais seriam as questões mais relevantes? *As questões mais relevantes são a água e a água.*

da água da comunidade satisfatórios; no entanto, percebemos que a questão do descarte da água pode ser um problema, já que não temos coleta nem tratamento de esgoto no município.

Decidimos, então, **organizar o conhecimento (OC)** acerca do saneamento básico em nível mais amplo, já que estávamos acompanhando, pelos noticiários, a crise hídrica na região sudeste do país. Nesta etapa, utilizamos um material informativo da SEMARH do Estado de Goiás, intitulado “Usos e conflitos por recursos hídricos” (link 2), pesquisas em livros e na internet, além de vídeos da série “Planeta água”, do programa Fantástico de 2013 (link 3). Por meio desses estudos, descobrimos que, infelizmente, a preocupação com a questão da água é

recorrente em várias regiões do país, e que as razões desses problemas estão relacionadas ao mau uso que se faz dela. Além disso, a maneira como a descartamos agrava o problema, pois a quase totalidade dos domicílios no Brasil são abastecidos com água tratada, mas menos da metade do esgoto produzido no país é coletado e tratado de forma satisfatória. Esta situação acaba afetando a qualidade da água como um todo, já que, quanto mais contaminada, mais difícil e mais caro é o seu tratamento para retornar às torneiras.

Na sequência, fomos conhecer as estações de tratamento de água e de esgoto do município vizinho (Torres). Antes, porém, pesquisamos em textos e na Internet como funciona uma ETA (Estação de tratamento de água) e uma ETE (Estação de tratamento de Esgoto) e elaboramos coletivamente algumas questões para serem respondidas pelos técnicos durante as visitas. O objetivo



era colher informações sobre a realidade do saneamento básico aqui na nossa região.

A partir das informações colhidas nas visitas, realizamos um grande debate, associando-as aos conhecimentos prévios sobre o assunto e confirmamos a hipótese de que a questão mais relevante para a comunidade, em relação ao saneamento básico, diz respeito ao tratamento do esgoto doméstico, pois vimos que a maioria das famílias

utiliza fossas sépticas que acabam por contaminar os lençóis freáticos, pois o esgoto se infiltra no solo. Além disso, o esgoto que é lançado a céu aberto ou canalizado para a Lagoa Itapeva acaba contaminando esse manancial, que é responsável pelo abastecimento de vários municípios da região, como vimos nas visitas às estações de tratamento de água e de esgoto do município de Torres.

Em seguida, passamos a



estudar a realidade da coleta e do tratamento de esgoto no Brasil e no Estado do Rio Grande do Sul: análise de tabelas, gráficos, vídeos, textos etc., utilizando o “Atlas do IBGE” (Internet), que traz informações oficiais e atualizadas sobre o assunto. Os resultados desses estudos foram registrados em textos coletivos no Diário de Bordo do projeto. Nesse momento, aproveitamos para reforçar alguns conceitos de Geografia relacionados às regiões brasileiras, como os diferentes níveis de desenvolvimento econômico, expectativa de vida da população, saúde, educação, etc.

Nessas pesquisas, constatamos que os municípios com melhores índices em termos de saneamento básico conseguiam garantir a coleta e o tratamento de grande parte de seu esgoto doméstico em diferentes sistemas. Então, buscamos orientação do gestor ambiental Nelson

Bellé, assessor da ONG Centro Ecológico, para saber qual seria a melhor alternativa de tratamento do esgoto doméstico para nossa comunidade, uma vez que não podemos contar com o poder público, pois, como vimos em nossas pesquisas, o sistema requer muito investimento em redes de coleta e nossa comunidade fica afastada da sede do município, dificultando ainda mais esse processo. Seriam necessários quilômetros de rede para coletar o esgoto e levar até a uma estação de tratamento. Nesses encontros, o gestor ambiental nos mostrou diversos sistemas de tratamento alternativo do esgoto doméstico, tanto por domicílio como para um grupo de moradores, como os utilizados em condomínios. Chegamos à conclusão de que o sistema de tratamento mais viável para a comunidade eram as FOSSAS BIODIGESTORES. Esse sistema é individual, ou seja, por residência, tem baixo custo e é muito

eficiente, já que garante cerca de 95% de eficácia no combate às bactérias. Juntamente com a disciplina de Matemática, fizemos o levantamento dos custos de implantação do sistema em lojas de material de construção da comunidade.

Na etapa seguinte do projeto, fizemos a **aplicação do conhecimento (AP)**. A turma foi dividida em grupos para organização do material para a exposição na VIII Semana de Conscientização Ambiental. Um grupo ficou encarregado de criar um folder informativo – no Laboratório de Informática - para ser distribuído à comunidade; outro grupo se encarregou de elaborar painéis, ilustrando todo o funcionamento do sistema, com levantamento de custos e desenhos da montagem passo-a-passo e um último grupo se encarregou de montar um sistema completo, utilizando o material emprestado de um

lojista da comunidade.

A finalização do projeto se deu com a sua apresentação para toda a comunidade e escolas vizinhas e culminou com uma discussão de avaliação na turma na qual pudemos

constatar a satisfação de todos pelos conhecimentos construídos e, também, por terem contribuído com a comunidade, compartilhando estas descobertas.



RELATÓRIO SCA 2014 PROJETO FLUIR - 4º E 5º ANOS

Iniciamos o Projeto Fluir, realizando uma **Caça ao Tesouro** com as turmas da Educação Infantil ao 5º Ano. Para essa atividade, os alunos foram divididos em grupos e deveriam resolver charadinhas sobre a água utilizada na Escola. Como recompensa, ganhariam ingressos para uma sessão de cinema na qual assistiriam ao filme “Kiriku e a feiticeira”, que enfatiza o tema **Água**.

Após assistirem ao filme e debaterem a temática apresentada, as turmas do 4º e 5º anos foram, novamente, divididas em grupos para responder às questões: 1) O que sabemos sobre a água? 2) O que gostaríamos de saber sobre a água? 3) Como saber e onde buscar? Vocês conhecem os conflitos envolvendo a água em sua comunidade,

Estado(RS) e Brasil?

Com essas questões respondidas, cada grupo fez a socialização das respostas e a partir delas foi feita uma lista dos assuntos/conteúdos que as duas turmas gostariam de aprender, sendo que, em vários momentos, o 4º e 5º Anos trabalhariam conjuntamente para realizar a apresentação nos dias da SCA (Semana de Conscientização Ambiental). E, para dar conta dos conhecimentos que seriam estudados, os alunos passaram a realizar pesquisas na internet, entrevistar as famílias da comunidade, trabalhar em grupos, fazer saídas de campo (Visita à Água Mineral), trabalhar com histórias de literatura infantil, registrar as atividades realizadas no Diário de Bordo, etc.



Dessa forma, durante o processo de busca pelo conhecimento, a curiosidade da turma do 4º ano se voltou para saber de onde vinha a água utilizada na comunidade e como ocorria o ciclo da água. Para buscar a resposta dessa curiosidade, as crianças continuaram suas pesquisas até descobrirem que a água utilizada pela comunidade não vinha da Lagoa Itapeva, como muitos imaginavam, e sim do Aquífero Guarani, através de

um poço comunitário. Então, passaram a estudar como se formam os lençóis de água subterrâneos e o Aquífero Guarani.

Para culminar o trabalho sobre o tema, os alunos do 4º Ano resolveram fazer um teatro do Ciclo da Água, demonstrando o vai e vem da água na natureza, para ser apresentado durante os dias da SCA.

Já a turma do 5º Ano, durante

o processo de investigação sobre o tema água, destacou uma preocupação que não os afetava diretamente, mas que estava na mídia todos os dias: a falta de água nas cidades de São Paulo, que enfrentavam racionamento/escassez de água devido ao grande período de estiagem na região das represas que abasteciam aquele Estado. Essa preocupação dos alunos transformou-se em questionamento e tema da instalação da SCA das turmas do 4º e 5º Anos e a turma do 5º Ano passou a investigar as hipóteses

possíveis para responder à seguinte pergunta: “A água vai acabar um dia?”. Muitos dos alunos acreditavam que a água poderia acabar ou que já havia acabando em muitos lugares do Planeta enquanto outros achavam que a água nunca iria acabar.

Feita toda essa investigação, o 5º Ano decidiu confeccionar um folder explicativo, respondendo àquela pergunta e apresentando, também, dicas de economia, curiosidades e outras informações sobre a água.

Um aspecto positivo e



A ÁGUA VAI ACABAR UM DIA?



importante que uniu e envolveu as duas turmas foi a confecção do Globo Terrestre (feita com uma bola, tiras de jornal, cola, bolinhas de papel crepom e uma torneira), representando o desperdício de água potável no nosso planeta.

Durante a confecção do globo, os alunos interagem e trocavam conhecimentos, demonstrando que estavam conscientes de que, embora a água não vá acabar, uma vez que se trata de um processo contínuo - “Ciclo da Água”-, a água potável, esta sim, pode acabar devido ao desperdício e poluição

causados pelas ações humanas. Também relatavam mudanças significativas em seus hábitos diários em casa depois de aprenderem dicas de economia e cuidados com a água.

Esse globo foi pendurado no centro da sala da instalação da SCA para que os visitantes pudessem refletir sobre suas ações diárias em relação à água. Em seguida, os alunos do 5º Ano apresentavam as explicações sobre o assunto e respondiam aos questionamentos dos visitantes. Para finalizar, a turma do 4º Ano dramatizava o Ciclo da Água.

UM LÍQUIDO PRECIOSO - 6º ANO

Na turma do 6º ano, o trabalho sobre a temática do projeto, nas disciplinas de Geografia e Ciências, iniciou a partir da exibição do vídeo Abuela Grillo.

Quatro perguntas encaminharam a discussão acerca do vídeo:

- a) o que sabemos sobre a água no planeta?
- b) o que gostaríamos de saber?
- c) como faremos para chegar a esses conhecimentos?
- d) o vídeo mostra um conflito, envolvendo a água na Bolívia. Vocês conhecem conflitos envolvendo a água aqui no Brasil e/ou na nossa comunidade?

A partir dessas perguntas, os alunos, em grupos, discutiram

e demonstraram já saber muita coisa sobre o assunto.

Como vivíamos, naquele momento, a grande crise hídrica no Estado de São Paulo, houve intenso debate em torno dessa questão. Além disso, localmente, havia um conflito, envolvendo a utilização de água tratada para abastecer piscinas* de plástico durante o período do verão. Devido ao aumento considerável da demanda de água na comunidade durante o verão, a entidade local, que gerencia o sistema de abastecimento de água, havia proibido o uso do líquido precioso em piscinas, alegando que muitos moradores (mais distantes – abaixo do nível do reservatório) ficavam sem água para suas necessidades básicas. Essa problemática

foi a mais debatida e foi a que levantou diversos questionamentos, fazendo a turma perceber que seria interessante entendê-los e esclarecê-los. Além disso, todos já sabiam que aconteceria a VIII Semana de Conscientização Ambiental e, portanto, aquele seria um ótimo trabalho para apresentar a toda a comunidade.

Surgiram, então, diversas hipóteses para a questão mencionada acima: Por que, antigamente, era possível abastecer as piscinas com água comunitária e, atualmente, é proibido?

a) A população aumentou;

b) o poço que abastece a comunidade não consegue levar água a todas as casas;

c) o mundo está ficando mais poluído;

d) há muito desperdício porque as pessoas lavam carros, caminhões e calçadas;

e) aumentou o consumo de água pelas famílias;

f) está faltando água no mundo;

g) as pessoas que cuidam da água não estão aplicando as punições (referindo-se à entidade local que gerencia o abastecimento de água tratada).

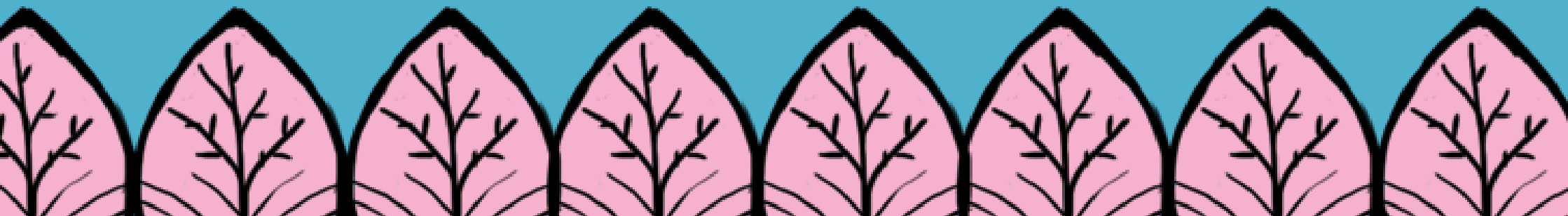
O primeiro passo para a organização do conhecimento foi estudar diversos textos que tratavam da distribuição da água no planeta e nas regiões brasileiras. Estudou-

se a importância do Aquífero Guarani e sua localização além das projeções de diversos especialistas para as próximas décadas. Vale ressaltar que alguns alunos se surpreenderam com o fato de a Região Norte do Brasil possuir a maior quantidade de água, sendo que, em contrapartida, apresenta a menor fatia da população brasileira. É importante lembrar que os conteúdos das disciplinas estavam o tempo todo sendo relacionados às temáticas.

Os mapas eram constantemente utilizados para que os alunos se localizassem geograficamente e compreendessem que não só vivemos num mundo globalizado, mas

estamos todos conectados e temos uma relação de interdependência com todos os seres do planeta. Apesar da pertinência do tema, no entanto, é preciso destacar que, nesse início do trabalho, foi difícil atrair os adolescentes dessa turma para a temática da água. Aparentando desinteresse pelo assunto, eles demoraram a se envolver. Porém, era um desafio que estava posto e precisava ser trabalhado a cada aula.

Assim, o planejamento cuidadoso das atividades tornou-se mais que necessário e exigiu muita criatividade. Por exemplo, com a ajuda de moradores locais, resgatamos a história do abastecimento de água na comunidade de Santo





Visita às nascentes da comunidade com o Sr. Pedro Ponciano como nosso guia.

Anjo da Guarda. Realizamos uma entrevista na sala de aula e, depois, com o auxílio do senhor Pedro Ponciano, visitamos diversos locais onde a água era coletada, armazenada e distribuída de forma artesanal e bastante rudimentar para as famílias.

Após as visitas, organizamos e relatamos a história em quatro períodos: anos 50, décadas de 60 e 70, anos 80

e atualmente. Isso tudo foi importante para os alunos entenderem as dificuldades que as primeiras famílias encontraram e como, juntas, e por intermédio de entidades e organizações, conseguiram superar as dificuldades e organizar um sistema alternativo de abastecimento de água tratada. Aqui, contamos com a valiosa contribuição de Marino Jorge da Silva, um

morador que vem resgatando e registrando a história da comunidade.

A cada etapa do trabalho, voltávamos às hipóteses que haviam sido levantadas no início e discutíamos novos conceitos que iam se consolidando e se incorporando ao projeto. Também ficava evidente que os alunos passavam a se interessar mais pelo assunto e pelas aulas, pois percebiam que o conteúdo estava diretamente

relacionado à vida deles. Essas relações precisavam ser constantemente resgatadas, o que tornava o trabalho mais desafiador, embora mais lento, pois não evoluía na velocidade planejada pela professora.

A história da água no Santo Anjo da Guarda foi transformada em maquetes. Esse trabalho exigiu muita dedicação da professora da turma, pois faltavam aos alunos a autonomia e a independência necessárias



Maquetes retratando a história da comunidade em relação ao uso da água.

para a realização dessas tarefas.

Nesse momento do trabalho, mostrou-se importante analisar outras realidades que envolvem o uso da água. Trabalhamos, detalhadamente, com duas: uma bem próxima, que era a cidade de Torres, e outra, Ganvié, no Lago Nokoué na costa oeste do continente africano. O objetivo era analisar como diferentes grupos e personagens ocupam e usufruem dos espaços e como se relacionam com os recursos hídricos da região. O foco principal era analisar como essas populações eram abastecidas.

A escolha de Ganvié foi proposital em função de que é uma cidade erguida sobre palafitas, ou seja, em cima da água. Os alunos constataram que a relação da população

com a água é muito ruim. Concluíram que o lugar possui água abundante, mas as pessoas depositam todos os dejetos no lago e se deslocam de barco para buscar água potável em três poços distantes no continente. Após assistirem ao documentário - matéria exibida pelo Programa Fantástico da Rede Globo - os alunos produziram um texto e fizeram a comparação com o abastecimento da comunidade.

Para entender como a cidade de Torres é abastecida, visitamos a ETA de São Brás, uma estação de tratamento de água que capta o recurso da Lagoa Itapeva, faz o tratamento e distribui na cidade através da Corsan. A visita também chamou a atenção dos alunos pela forma como a água é tratada e pela quantidade de produtos

químicos utilizados.

Para melhor entender a necessidade de adicionar tais produtos, os alunos pesquisaram sobre cada um na Internet (sulfato de alumínio, cal hidratada, cloro, flúor). Realizada a pesquisa, conversamos com o técnico ambiental Lucieder

Schardosim Raupp, que é o responsável técnico pelo abastecimento de água de Santo Anjo da Guarda. Além das questões relacionadas aos produtos químicos, o Sr. Raupp respondeu diversas dúvidas dos alunos sobre o ciclo e a composição da água, o abastecimento comunitário



Conversa com o técnico Lucieder Shardosim Raupp, responsável pelo sistema de água comunitária de Santo Anjo da Guarda.

e a crise hídrica do Estado de São Paulo. Também fizemos a comparação entre os valores que a comunidade de Santo Anjo e a população da cidade de Torres pagam pela água.

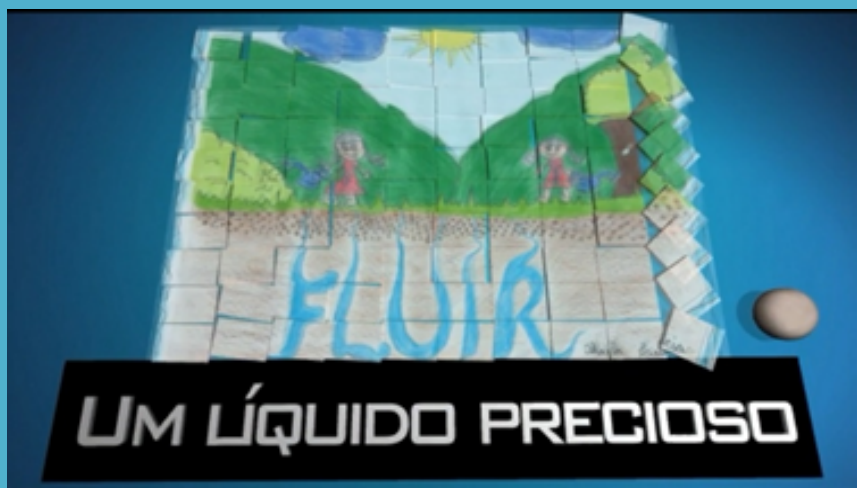
A entrevista trouxe subsídios para diversas reflexões acerca do uso da água tratada na comunidade. Voltamos à questão que fora levantada inicialmente sobre as piscinas e debatemos os diversos pontos de vista que a turma construiu ao longo do projeto.

A turma concluiu que a água

é, de fato, um líquido muito precioso e que a população necessita de mais informações a respeito do tema. Por isso, optou por fazer um vídeo para apresentar à comunidade os conhecimentos construídos e as informações adquiridas ao longo do Projeto Fluir. Incluímos no vídeo a proposta de construção de uma cisterna para captar água da chuva, a fim de reforçar o principal objetivo do projeto e oferecer uma boa alternativa aos problemas que a comunidade vivia naquele momento. Os

alunos construíram o roteiro e atuaram. O vídeo “Um líquido precioso” contou com a colaboração de alunos de outras turmas no momento da edição.

Ao avaliar o resultado alcançado, percebemos que o projeto poderia ter aprofundado conceitos envolvendo a Lagoa Itapeva, um manancial de água superficial que banha a comunidade e abastece o município de Torres. Além disso, o trabalho de pesquisa com os alunos também poderia ter continuidade com investigação e mapeamento das nascentes que ainda existem na comunidade.



Capa do Vídeo: Um líquido precioso.

VILA ^{DOS} SABORES

Santo Anjo da Guarda - Três Cachoeiras / RS

Prof. Mariluz Machado Raupp



Este é o seu Renato,
produtor de bananas.

O seu Renato vende
as bananas que ele mesmo
e outros agricultores
ecologistas cultivam e
transportam para Porto
Alegre. Além disso, ele
também reaproveita todas
as bananas, dando outro
destino para elas,
evitando, assim, o
desperdício, problema sério
no Brasil e no mundo.

Além da comercialização
da fruta, o seu Renato
come e produz chimias,
geleias e licores com
ajuda da esposa, dona
Roseli, e seus filhos,
Fabiano e Fernando.



Nos séc. XV e XVI,
colonizadores
portugueses
começaram a
plantação
sistemática de
bananas nas Ilhas
atlânticas.

A banana é originária
do sudeste asiático e
existem indícios de seu
cultivo desde 5 mil a 8
mil anos a.C.

Grande importância
econômica nos países
tropicais: baixo custo.



O seu Renato também distribui as bananas para:

- ✎ moradores locais;
- ✎ uma aldeia indígena a alguns km de sua casa
- ✎ a escola da vila;
- ✎ moradores de uma cidade vizinha em Santa Catarina;
- ✎ a prefeitura de Torres;
- ✎ uma creche em Porto Alegre.



As bananas que não são reaproveitadas para consumo humano seu Renato doa para alimentação dos cavalos do casal Max e Jussara.



VOCÊ SABIA QUE 30% DOS ALIMENTOS QUE COMPRAMOS VÃO PARA O LIXO?

De acordo com uma pesquisa do Instituto AKATU, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação estima que, anualmente, desperdiçamos 26 milhões de toneladas de alimentos no país, o que daria para saciar a fome de, aproximadamente, 25 milhões de brasileiros ou 13 % da nossa população.



As bananas que não são selecionadas para a venda são aproveitadas para consumo da fruta in natura e para fazer vitaminas, chimias e tortas por dona Alice, moradora local.



Dona Alice, secretária em uma fábrica de esquadrias da vila, é casada com Eder, caminhoneiro. O casal tem duas filhas: Juli e Sara. Um dia, dona Alice estava descascando bananas para fazer uma vitamina quando percebeu que, no diário de Juli, aberto sobre a mesa, tinha uma receita interessante de bolo feito com cascas de banana.



DIÁRIO DE BORDO



Caderno onde Juli e seus colegas registram as atividades do projeto sobre alimentação saudável da Escola Baréa.

Juli e seus colegas Alisson, Bruna, Camila, Helen, Emilly, Ezequiel, Giovanna, Letícia, Lucas e Luciano, preocupados com o desperdício de alimentos, resolveram pesquisar mais sobre o tema.

A Prof^a. Mariluz traz a informação de que, a cada 5 segundos, uma criança morre de fome no mundo.

+ Sessão de cinema com o documentário "Ilha das Flores".

Dona Alice, depois de testar e aprovar a receita, e influenciada pelas informações trazidas da escola por Juli, sentiu necessidade de aprender mais ainda.

Na reunião de pais, junto com dona Gislaine, mãe de Alisson, e dona Josevânia, mãe de Emili, sugeriu a realização de uma oficina sobre reaproveitamento de alimentos.

A Prof^a. Mariluz e a direção da escola convidaram a dona Anídes, profunda conhecedora das receitas deliciosas, para realizar oficinas com as mães. As oficinas foram um sucesso!!



Quando você usa seu poder de escolha e compra um produto ecológico ou orgânico, está fazendo bem:



para os pequenos produtores, pois são eles que cultivam a maior parte desses alimentos orgânicos

para sua família, pois é mais saudável

para o planeta, pois a natureza é conservada

A diferença que existe entre a Ilha das Flores e a Vila dos Sabores é a consciência de que:



**“ACREDITAMOS
NUM MUNDO
MELHOR!”**

“podemos ajudar as pessoas a cuidar do nosso mundo e a se alimentar melhor”

“precisamos cuidar da natureza, não podemos desperdiçar os alimentos”

“não devemos desperdiçar alimentos, porque muitas crianças morrem de fome”

“temos que cuidar do mundo para uma vida ainda melhor”

“podemos mudar o mundo se todos se unirem”



Turma de 1º ano séries iniciais
Escola Baréa – 2011
Profª. Mariluz Machado Raupp

Fontes de pesquisa

- Folha de São Paulo, dez. 2004
- CEAGESP (Centro de qualidade hortigranjeiro SP)
- Instituto AKATU
- Google maps, out. 2011
- Cartilha “Escolha, Freguês” - Gov. Federal, nov. 2005

Link de Vila dos Sabores no You Tube:
<https://youtu.be/kmSs5kjtoPs>



Ipê - Serra Litoral Norte
Assessoria e Formação em Agricultura Ecológica

Festa de
Educação
Ambiental



na Mata Atlântica

Quem Protege os Animais e as
Matas e os rios - Salva a vida dos seus
Filhos e das futuras - Nozes

